

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Carlos Eduardo Félix Gomes

“Na Caminhada: Cultura Hip Hop no Litoral Sul de Santa Catarina”

Florianópolis

2024

Carlos Eduardo Félix Gomes

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso

“Na Caminhada: Cultura Hip Hop no Litoral Sul de Santa Catarina”

RELATÓRIO TÉCNICO do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Disciplina JOR 6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Melina de la Barrera Ayres.
Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Cárilda Emerim

Florianópolis

2024

Ficha de identificação da obra

Gomes, Carlos Eduardo Félix

Na caminhada : cultura hip hop no Litoral Sul de Santa Catarina / Carlos Eduardo Félix Gomes ; orientadora, Cárilda Emerim, 2024.

64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Cultura. 3. Hip Hop. 4. Telejornalismo. 5. Santa Catarina. I. Emerim, Cárilda. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Carlos Eduardo Félix Gomes

“Na Caminhada: Cultura Hip Hop no Litoral Sul de Santa Catarina”

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 13 de dezembro de 2024.

Profa. Dra. Valentina Nunes
Coordenador(a) do Curso

Banca Examinadora:

Profa., Dra. Cárilda Emerim
Orientador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa., Dra. Fabiana Quatrin Piccinin
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof., Dr. Fernando Antônio Crocomo
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Rudney Ribeiro Daniel
Avaliador
Realizador e especialista em Cultura HipHop

Dedico este trabalho ao meu filho
Mares Chagas Gomes, hoje com 6
anos. Inscrevi-me para o vestibular
dois dias antes de seu nascimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos agentes culturais do movimento Hip Hop do Litoral Sul de Santa Catarina, que gentilmente dedicaram seu tempo para me receber, muitas vezes em suas próprias casas, aceitando responder aos meus questionamentos e permitindo a gravação de imagens para a composição do material. Registro aqui os nomes artísticos dessas pessoas, conforme me foram apresentados: de Laguna, Mano Sapo, Mano Pessoa, Mano Bury, Mano Alekys, Piccho, Se7e MC, Mano B.A. e Tr3isNoBeat; de Imbituba, Leo Costanzo, Radesh e Maria Eduarda Santos; e de Garopaba, Marcílio Filho, Ana Paula Matos, Rogério Ribeiro e Juliano Thomaz.

Aos colegas de profissão Vini Fernandes e Guto Lavigne, agradeço pelas valiosas dicas sobre o manuseio dos equipamentos audiovisuais. Manifesto minha gratidão à Andrea Felisberto, que, na etapa final deste projeto, apoiou e incentivou meu esforço na conclusão do trabalho. Dirijo um agradecimento especial ao jornalista Thiago Pereira, que confiou em mim e no meu profissionalismo ao emprestar os equipamentos necessários para a produção deste programa, desde câmeras até o computador utilizado na montagem dos conteúdos e na elaboração deste relatório.

Expresso também minha gratidão à Universidade Federal de Santa Catarina pela inclusão das ações afirmativas em sua política institucional. Fui beneficiado pela bolsa permanência, imprescindível para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço aos professores, técnicos administrativos e à equipe de limpeza e conservação do curso de Jornalismo, pelo empenho e dedicação com que desempenham suas funções, além do acolhimento e cuidado com os alunos. Deixo um agradecimento especial à minha orientadora, Cárlida Emerim, que constantemente me incentivou a enxergar o óbvio na profissão, compartilhando técnicas e argumentos indispensáveis para o meu aprimoramento profissional.

Agradeço aos meus familiares, que sempre estiveram presentes apoiando meus projetos jornalísticos. Agradeço, especialmente, à minha mãe, à minha companheira e ao meu filho. Meu esforço sempre esteve voltado para proporcionar melhorias a eles por meio do meu sucesso profissional — que espero não demore a chegar.

“[...] Na caminhada, persisto, sempre lutando, mesmo
sabendo que vários manos não tão me escutando.
Evolução, revolução: é o que eu estou procurando [...]”.
(DI... 2018).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste num programa piloto de jornalismo televisivo seriado que se propõe a documentar os movimentos culturais em cidades do interior de Santa Catarina, começando pela cultura Hip Hop no sul do estado. Especialmente, os três primeiros episódios apresentados, destacam os elementos culturais de Garopaba, Imbituba e Laguna. Além de servir como espaço de visibilidade aos agentes culturais destes locais, o programa quer ajudar a promover o cenário artístico e cultural da região, mostrar a importância social e cultural do Hip Hop. Cada episódio da série aborda um dos elementos que compõem a cultura Hip Hop desenvolvido nas regiões retratadas, sendo: a tradição do *Breaking* em Garopaba, do Grafite na Praia do Rosa (Imbituba) e do Rap em Laguna. A abordagem jornalística estafundada nas entrevistas, utilizando uma narrativa coloquial e próxima das comunidades sem perder os preceitos do jornalismo profissional. São três episódios de 12 minutos cada um, que podem ser vistos separadamente ou formarem um único programa de 33 minutos de duração, com vinheta de abertura e créditos finais.

Palavras-chave: Telejornalismo, Hip Hop, cultura urbana, Santa Catarina, Conteúdo multiplataforma.

ABSTRACT

This Course Completion Work consists of a pilot program of serial television journalism that aims to document cultural movements in cities in the interior of Santa Catarina, starting with Hip Hop culture in the south of the state. Especially, the first three episodes presented highlight the cultural elements of Garopaba, Praia do Rosa and Laguna. In addition to serving as a space for visibility for cultural agents in these places, the program wants to help promote the region's artistic and cultural scene, showing the social and cultural importance of Hip Hop. Each episode of the series addresses one of the elements that make up the Hip Hop culture developed in the regions portrayed, namely: the tradition of breaking in Garopaba, graffiti in Praia do Rosa and Rap in Laguna. The journalistic approach is based on interviews, using a colloquial narrative that is close to the communities without losing the precepts of professional journalism. There are three episodes of 12 minutes each, which can be watched separately or form a single program lasting 33 minutes, with an opening vignette and closing credits.

Keywords: Television journalism, Hip Hop, urban culture, Santa Catarina, Multiplatform content.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	11
1.1 O HIP HOP	11
1.2 O JORNALISMO E EU	14
2. OBJETIVOS.....	17
3. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO	18
4. PROCESSOS DE PRODUÇÃO	22
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO E PRODUÇÃO.....	22
4.2 FONTES.....	24
4.3 ROTEIRO, CAPTAÇÃO DE IMAGENS E ENTREVISTAS	26
4.3.1 GAROPABA.....	27
4.3.2 IMBITUBA (PRAIA DO ROSA).....	28
4.3.3 LAGUNA.....	29
4.4 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO	31
5. RECURSOS	33
6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	36
7. VIABILIDADE E CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A – ROTEIRO EPISÓDIO 1.....	42
APÊNDICE B – ROTEIRO EPISÓDIO 2.....	48
APÊNDICE C – ROTEIRO EPISÓDIO 3.....	56
ANEXO A – FICHA DO TCC	63
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE	64

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

O Trabalho de Conclusão de Curso, doravante denominado de TCC, apresentará, nas próximas páginas um relatório descritivo da produção de um programa piloto de cultura, especificamente, nestes primeiros episódios, sobre a Cultura Hip Hop em três cidades do Sul de Santa Catarina. Para tanto, se apresenta um pouco o que é o Hip Hop e como ele vem se desenvolvendo e gerando conhecimento e pertencimento.

1.1 O HIP HOP

Diversos momentos históricos podem ser destacados para evidenciar a cultura Hip Hop como um fenômeno mundial. Recentemente, com os olhos do mundo voltados para Paris, sede dos Jogos Olímpicos de 2024, um dos elementos dessa cultura ganhou destaque entre as modalidades olímpicas. Nos dias 9 e 10 de agosto, (enquanto realizo a revisão textual deste projeto) B-Girls e B-Boys competem em uma batalha de *breaking*, valendo medalha. Esta é a estreia da modalidade nos Jogos Olímpicos. Enxergar este feito como um fenômeno implica refletir sobre as inúmeras conexões e interações que ele proporciona, o que, por sua vez, permite compreender melhor o que ocorre nas cenas locais.

Embora nesta modalidade não haja representantes das Américas Central e do Sul nos Jogos Olímpicos, observa-se uma diversidade razoável de origens entre os participantes dos outros continentes. Além disso, o atleta mais jovem inscrito para as batalhas é um australiano de 16 anos, enquanto a mais velha é uma japonesa de 41 anos. Outro aspecto significativo que pode indicar possíveis tendências é a predominância de participantes com pele clara, conforme observado nas fotografias disponíveis no site oficial do evento. É provável que as pessoas destacadas no programa “Na Caminhada” também reflitam essas características: diferentes gerações, originárias de diversas localidades e, em sua maioria, com pele clara.

A análise das investigações acadêmicas sobre o Hip Hop e dos materiais documentais produzidos sobre o tema revela uma preocupação histórica em demarcar os caminhos percorridos ao longo dos mais de 50 anos de existência do movimento. Estes documentos mostram que as construções iniciais se originaram da interação de diferentes povos em determinadas regiões. À medida que o Hip Hop se expande, ele incorpora características que ressignificam e ampliam as concepções de cultura e movimento. Isso permite a integração de outras culturas, povos e movimentos, transformando-o em um fenômeno global.

O Hip Hop possui a capacidade de interpretar e se adaptar ao mundo. No imaginário

popular, ele ainda carrega o estigma de ser marginalizado, associado às camadas mais vulneráveis da sociedade e de adotar uma postura combativa em relação às injustiças sociais. Entretanto, o Hip Hop utiliza essas premissas para propor novas interpretações e conquistar investimentos financeiros, permitindo sua participação, por exemplo, nas olimpíadas. Além disso, elementos como a moda e as gírias, conforme proposto por KRS-One, ampliam ainda mais as expressões culturais do movimento.

O Hip Hop pode ser definido como um estilo de vida que integra a juventude de uma geração em determinados locais, sendo essencial para entender seus processos de socialização. Gilroy (2001) afirma que o Hip Hop resulta da diáspora negra, adaptando-se ao contexto local. O movimento é marcado por uma consciência política e social, servindo como alternativa à marginalidade. Contudo, é importante reconhecer a presença de masculinismo e misoginia dentro do Hip Hop.

Em 2023, além de completar 50 anos, a cultura Hip Hop foi reconhecida como manifestação da cultura nacional no Brasil, por meio do Decreto Nº 11.784, de 20 de novembro de 2023, assinado pela Ministra da Cultura Margareth Menezes da Purificação Costa. De acordo com o texto publicado no decreto, são identificados cinco elementos clássicos estruturantes da cultura Hip Hop que são o disc jockey - DJ, o *break*, o mestre de cerimônias - MC, o graffiti e ainda, como quinto elemento, o conhecimento. A cultura Hip Hop, que teve suas raízes no Bronx, Nova York, na década de 1970, chegou ao Brasil nos anos 1980, onde encontrou terreno fértil para crescer e se transformar. Em São Paulo, o movimento ganhou força com as famosas reuniões de *break dance* no Metrô São Bento.

A cultura Hip Hop brasileira evoluiu, incorporando elementos locais e se adaptando às realidades socioeconômicas do país. Guimarães (2015) destaca como o Hip Hop, em sua fase inicial, já buscava redefinir as fronteiras urbanas: seja ao ocupar espaços destinados à classe média nos subúrbios cariocas durante os bailes, ou ao se estabelecer temporariamente no centro de São Paulo para dançar. Esses jovens das periferias resistiam à segmentação do espaço urbano e desafiavam as limitações impostas à sua circulação na metrópole.

No estado de Santa Catarina, no entanto, há uma lacuna significativa em termos de visibilidade e reconhecimento dos artistas e produtores culturais locais. Muitos talentos encontram dificuldades em acessar os meios tradicionais de comunicação para ampliar o alcance de suas produções artísticas e compartilhar suas histórias. As poucas iniciativas midiáticas voltadas para este público frequentemente enfrentam dificuldades para dar continuidade aos projetos. Souza (2016), ao refletir sobre as ideias de Martin- Barbero (2003),

ênfatisa a importância de analisar como o movimento Hip Hop se relaciona com os meios de comunicação, especialmente na forma como se apropriam de certas tecnologias para recriar maneiras de utilizá-los. Essas práticas permitem ao movimento deixar sua marca, criando uma autonomia na gestão desses meios. Além disso, Souza destaca a relevância dos bairros como espaços de sociabilidade dentro do movimento Hip Hop, apoiando-se na visão de Martin-Barbero, que descreve o bairro como um mediador entre o ambiente privado da casa e o mundo urbano, estruturado por formas específicas de interação e comunicação.

A escolha de criar um programa audiovisual em jornalismo, tematizando o Hip Hop em Santa Catarina, surgiu da percepção e vivência tanto pessoal quanto profissional, por participar e acompanhar alguns movimentos e verificar as barreiras enfrentadas por artistas locais, principalmente aqueles que moram em cidades periféricas ou do interior. Como pesquisador e entusiasta da cultura Hip Hop, pude acompanhar e testemunhar o impacto transformador dessa cultura em pessoas e comunidades. Numa breve pesquisa já se percebe a escassez de registros históricos e da própria falta de visibilidade do cenário Hip Hop em cidades do interior de Santa Catarina. Tal constatação me instigou a buscar mais informações e motivou a proposta deste TCC.

O formato escolhido foi o telejornalismo, ou seja, o produto jornalístico com imagens em movimento e som, por acreditar que esta cultura é extremamente visual e musical, exigindo que a narrativa pudesse explorar as possibilidades desta linguagem audiovisual. Como morador de uma cidade do interior, sou prova viva das dificuldades de acesso à mídia mais ampla e da manutenção de iniciativas culturais para promover o conhecimento e a arte para estas comunidades. Mais um motivo para produzir este programa é o desejo de amplificar as vozes desses artistas, documentar suas histórias e valorizar a cultura local, ao mesmo tempo em que busca entregar um material de qualidade profissional, aplicando técnicas jornalísticas para garantir a narrativa comprometida com a realidade dos fatos e a excelência do projeto.

Construir o programa que pode passar em TV aberta mas, também, pelo Youtube é aceitar o desafio de identificar e incorporar elementos estruturantes do estilo midiático, como as trilhas, por exemplo, além da edição mais pontuada no ritmo das músicas. É buscar misturar o processo de criação do produto com o olhar num universo desconhecido e, ao mesmo tempo familiar, mesclando narrativas e histórias que apenas memórias pessoais conseguiram guardar, estabelecendo formas e gêneros que dialoguem com o espectador nas redes sociais, principalmente, Youtube e Instagram.

Historicamente, a mídia brasileira especializada no tema tem concentrado atenção nas produções culturais do eixo Rio-São Paulo, criando dificuldades na ascensão de carreiras artísticas provenientes de outras regiões do país. Este fenômeno está enraizado em fatores econômicos, políticos e sociais que centralizam o poder e os recursos nas regiões mais desenvolvidas do país. Políticas de incentivo à cultura e iniciativas independentes têm buscado reverter este quadro, promovendo a diversidade e a representatividade nas mídias. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer para garantir que artistas de todas as regiões tenham as mesmas oportunidades de reconhecimento e valorização.

O projeto pretende contribuir para esse esforço, oferecendo um registro acessível e inclusivo para artistas independentes presentes em Santa Catarina. Além de documentar a cena atual do Hip Hop nas cidades de Garopaba, Imbituba e Laguna, o programa buscará explorar as lembranças do passado e as conexões existentes com o presente, oportunizadas por meio do movimento gerado no estado. Dessa forma, espera-se não apenas aumentar a visibilidade desses artistas, mas também inspirar políticas públicas e iniciativas privadas que promovam a democratização dos meios de comunicação e a valorização das culturas locais.

1.2 O JORNALISMO E EU

Decidi criar este espaço dentro do TCC porque considero essencial relatar as oportunidades que o Curso de Jornalismo me proporcionou e como ele abriu novas perspectivas para minha vida. Sempre mantive um diálogo constante com os professores, dentro e fora da sala de aula, e essas conversas foram fundamentais para aprofundar meu aprendizado e ampliar minha visão. Ao longo do curso, tive experiências com programas de rádio voltados para música, arte e cultura, e essas vivências foram se aprimorando, mostrando que é possível fazer mais e contribuir para transformar realidades.

Entrar no curso não foi fácil. Enfrentei muitas dificuldades para me adaptar ao volume de leituras e trabalhos enquanto conciliava minha rotina em Garopaba, viajando diariamente para as aulas na UFSC. O vai e vem era exaustivo, tanto física quanto mentalmente. Além disso, meu filho Mares era um bebê quando comecei o curso, o que trouxe desafios adicionais. Muitas vezes, precisei trazê-lo para a universidade, inclusive para a sala de aula, por absoluta necessidade. Esse foi um período em que contei com o apoio de colegas e professores, aos quais sou profundamente grato. Embora tenha buscado não sobrecarregar ninguém, precisei aceitar ajuda em momentos críticos, pois encarei essa jornada como minha missão pessoal.

A oportunidade de estudar veio por meio das cotas, mas só consegui avançar porque mantive muita determinação e coragem. O curso de Jornalismo da UFSC é exigente, repleto de atividades práticas e teóricas que nos desafiam diariamente. Enfrentar e superar esses desafios foi um processo de crescimento pessoal e profissional. Aprender a lidar com novas tecnologias, realizar produtos jornalísticos e aprimorar a narrativa foram etapas que moldaram minha trajetória. Cada obstáculo superado ajudou a me qualificar e a me encontrar na profissão.

Neste espaço, quero registrar o quão desafiadora foi essa jornada. Precisei vencer, antes de tudo, minhas próprias limitações — cansaço físico, rotinas intensas e a sobrecarga de responsabilidades. Entre fraldas do Mares, polígrafos de teoria jornalística e o teclado do computador, vivi anos de intensas superações. No entanto, a vontade de fazer jornalismo e atuar no cenário cultural das cidades do interior de Santa Catarina sempre me motivou a seguir em frente. Foi isso que me levou ao jornalismo de televisão, pois o vídeo é uma ferramenta poderosa para levar informação às comunidades em que vivo e que vivencio.

As telas — antes as de televisão e agora as de *smartphones* — desempenham um papel importante para jovens de periferias que têm pouco ou nenhum acesso a eventos culturais. Esses jovens encontram nas telas uma forma de se conectar ao mundo. Por isso, escolhi esse formato para o meu projeto, acreditando que ele tem o potencial de alcançar e impactar essas pessoas.

Quero tornar visível não apenas a história que contei no projeto, mas também minha própria trajetória até aqui. Ao escolher o jornalismo de televisão — ou jornalismo para telas, em plataformas como YouTube ou TV aberta —, reafirmo meu compromisso com a profissão. Quero seguir lutando diariamente para fortalecer as vozes que precisam ser ouvidas, mostrar as imagens que precisam ser vistas e consolidar o jornalismo como um canal essencial para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e culturalmente rica.

O objetivo geral do programa é que essa proposta piloto se torne viável como uma atividade futura, inclusive como fonte de renda. Para isso, precisei avaliar custos, explorar ao máximo os recursos que tinha e testar minhas próprias capacidades. Realizei grande parte do trabalho sozinho, com os equipamentos disponíveis, para entender o que é possível fazer e o que exige maior investimento.

Por fim, o trabalho desenvolvido evidencia as dificuldades de produzir conteúdo cultural no interior de Santa Catarina, onde há pouco incentivo e investimento para atividades locais. Muitas iniciativas culturais enfrentam desafios para se manterem ativas, e a falta de infraestrutura torna tudo ainda mais complexo. Mesmo assim, acredito no poder do jornalismo

para dar visibilidade a esses agentes e eventos culturais que ocorrem fora dos grandes centros. Como jornalista, quero contribuir para valorizar essas iniciativas e mostrar que, com esforço e criatividade, é possível transformar realidades.

2. OBJETIVOS

Como **objetivo geral do TCC** tem-se a proposta de criar um programa de jornalismo televisual, jornalismo para telas, que pode ser distribuído em diferentes plataformas e que tematize a cultura produzida em municípios do interior de Santa Catarina, começando com um programa piloto sobre a cena Hip Hop em três cidades do Sul do estado.

E, entre os **objetivos específicos**, estão:

1. Dar visibilidade a projetos culturais que fortalecem a cultura local, seja a urbana como a tradicional;
2. Mostrar o movimento Hip Hop que ocorre em cidades do Sul de Santa Catarina, nestes primeiros episódios e depois ampliar para outras regiões do estado;
3. Promover o registro e o arquivamento de histórias de realizadores e participantes de movimentos culturais locais, preservando memória, identidades, culturas e trajetórias sociais.

3. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO

No que diz respeito ao formato, a imagem — especialmente a imagem em movimento acompanhada de áudio — é amplamente considerada uma linguagem universal (Paternostro, 2006; Iork, 2007). Isso se deve à sua capacidade de informar e emocionar simultaneamente. No telejornalismo, ou jornalismo de/para telas, o texto e a imagem devem estar em perfeita sincronia, funcionando de forma simbiótica, um complementando e fortalecendo o outro. Essa integração facilita a compreensão dos espectadores, proporcionando uma comunicação mais fluida e rápida.

Concordo com a professora Cárilda Emerim, que defende a ideia de que o que se produz em telejornalismo pode ser mais amplamente definido como jornalismo para telas. Emerim explica que o termo "telas" foi inicialmente associado à televisão — ou "tela de visão a distância" —, que foi o primeiro dispositivo a realizar a transmissão de imagens a longa distância. Desde então, todas as telas que surgiram mantêm esse princípio técnico fundamental, tendo apenas aprimorado a transmissão e o acesso aos dados, especialmente com a digitalização e a internet. Assim, embora o contexto tecnológico tenha evoluído, as telas contemporâneas ainda derivam do conceito original de "tele-visão".

Portanto, segundo Emerim (2014, 2020), compreender o telejornalismo como jornalismo para telas implica reconhecer sua portabilidade e a continuidade técnica e conceitual da televisão. Essa noção reforça que o jornalismo produzido para diferentes telas — sejam elas de TVs, computadores ou smartphones — permanece vinculado à definição primordial de visão a distância, agora potencializada pelos avanços tecnológicos. Segundo a autora, “esta noção de portabilidade começou com a tela da televisão, o aparelho e, hoje, está nas outras telas, menores mais portáteis ainda, de celulares e *smartphones*¹” (EMERIM, 2020, p. 107).

Produzir um programa de jornalismo para telas ajuda a colocar o tema em debate porque dá visibilidade e amplia a informação para diferentes públicos. Por programa de jornalismo de televisão entende-se, segundo Emerim (2014):

Embora seja necessário enfatizar que o jornalismo de televisão não está restrito ao telejornal, existem muitos outros programas de formatos diferentes que informam e operam com a referência direta com o real, cujas temáticas são, fundamentalmente, a apresentação ou a repercussão e fatos,

¹ Esta discussão é iniciada por Emerim (2014), parcialmente em artigo de 2015 (EMERIM; FINGER; CAVENAGHI). Disponível em: <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4593/1100>; e, posteriormente, aprofundada em artigo publicado em 2017, disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/28073>

acontecimentos e ações de pessoas que tem referência direta com o mundo real, são, portanto, telejornalismo, mas não necessariamente, um telejornal. (EMERIM, 2014, p. 104).

O termo programa de televisão também foi o mais adequado para usar aqui porque os outros termos, documentário, webserie, série documental, grande reportagem, todos eles podem estar dentro de um programa de jornalismo para telas (televisão), portanto, optei por usar um termo mais abrangente e não limitar o produto num formato narrativo em específico.

O jornalismo produzido em televisão, em audiovisual, já traz consigo as vantagens de que a imagem chega mais amplamente a um número eclético de pessoas, mostra a informação e a realidade onde ela acontece, além de poder, por meio de imagens, mobilizar a atenção para cenas que só podem ser mostradas pelo vídeo. Quero mostrar os realizadores de Hip Hop e as dificuldades que passam para manter ativa esta prática cultural no interior do estado catarinense.

Embora não tivesse muita experiência em produção de jornalismo televisual, me desafiei bastante na busca por prática de gravação e edição de imagens. Além disso, a experiência que já tinha em rádio e na realização de diferentes entrevistas ajudou na estruturação ao longo da graduação e foi essencial na hora de tomar essa decisão. Com a produção do TCC em telejornalismo, posso dizer que aprendi mais e melhorei em dominar a narrativa jornalística em audiovisual, permitindo que eu siga aprimorando e mantenha a ideia do programa em funcionamento.

Esse formato é adequado para explorar o audiovisual via *streaming*, utilizando a internet, que transformou o mercado de massa em milhões de mercados de nicho (ANDERSON, 2006). Ele permite a produção de episódios curtos (de curta e média duração) e não depende de horários fixos ou patrocinadores específicos, diferentemente da televisão. Além disso, o *streaming*, que cresce rapidamente como fonte de conhecimento e entretenimento, possibilita escolher a qualidade do vídeo em várias plataformas (como YouTube, Instagram e Facebook) sem a necessidade de *downloads*. Muito embora seja necessário destacar que este programa, pelo seu formato e modalidade narrativa, pode ser exibido tanto na televisão aberta quanto na fechada, já que foi concebido em três episódios (de cerca de 12 minutos cada um, por pura conveniência) mas que podem estar conectados num episódio único, de duração de 33 minutos com vinhetas e encerramento².

Muitos agentes culturais do movimento Hip Hop nasceram e se desenvolveram em um período em que a linguagem digital é predominante, usando o meio digital como principal

² Sobre o programa se falará mais adiante nos itens de produção.

plataforma para difundir sua arte, em oposição ao que é hegemônico. Portanto, o programa será inserido em plataformas com as quais essas pessoas já estão acostumadas a interagir.

A linguagem visual e textual do programa foi fundamentada nas teorias de comunicação visual e narrativa multimodal. Gualberto e Santos (2019) destacam a importância da multimodalidade na comunicação contemporânea, combinando texto, imagem e som para criar significados complexos (semiótica). A estrutura permitiu explorar diferentes histórias e caminhos, aumentando a interatividade e refletindo a diversidade da cultura Hip Hop.

Outra possibilidade empregada no programa foi utilizar técnicas muito utilizadas em documentários baseadas no cinema verité (cinema direto/verdade - cinema vivido), que busca capturar a realidade de forma espontânea e natural. A câmera foi utilizada como um observador participante, seguindo um estilo de captação que busca retratar a vivacidade e a essência das performances de *break dance*, da prática do graffiti e das apresentações de MCs e DJs. Com esse estilo de câmera em movimento, um pouco fora de eixo, procurei criar uma narrativa visual que fosse fiel à autenticidade da cultura Hip Hop, além de estabelecer uma conexão de proximidade quando os artistas interagem diretamente com a câmera.

Utilizei planos abertos e movimentos dinâmicos para capturar a energia das performances, enquanto *close-ups* e entrevistas diretas foram empregados para criar uma conexão mais íntima, permitindo que o público pudesse sentir as emoções e expressões de cada artista. A escolha da composição visual e o uso de cores vibrantes foram pensados cuidadosamente para refletir a diversidade e a energia pulsante do Hip Hop, criando uma representação envolvente e autêntica desse universo cultural

A linguagem textual do programa empregou a fala coloquial e leve, sem caricaturar o movimento e nem desqualificar o programa jornalístico. Na medida do possível foi clara, concisa e acessível, buscando se comunicar não somente com o público do Hip Hop, mas também, prevendo novos interesses para públicos diferentes, mesmo a narrativa tendo sido construída de forma envolvente, ressoando com a linguagem da cultura Hip Hop.

Quanto a **justificativa do tema**, os temas culturais são sempre preteridos na distribuição de verbas em municípios do interior do estado, isso devido ao contexto de desenvolvimento, geralmente em baixos índices. A própria educação, base fundamental para as sociedades, não têm aportes financeiros que possibilitem a sua expansão e maior qualificação, quem dirá, cultura e arte. O Hip Hop ou a cultura Hip Hop ainda recebe preconceito e é marginalizada por ter origem em bairros de população negra e de periferia, sendo raras ou quase inexistentes políticas públicas ou verbas que priorizem a sua manutenção

e desenvolvimento. A partir do momento em que mais pessoas conhecem o processo, as práticas e a cultura, passam a valorizar e a apoiar, o que também pode refletir em mais adeptos. Assim, o tema sobre o movimento Hip Hop em três cidades do Sul de Santa Catarina, um estado eminentemente branco, racista e bairrista, não pode demonstrar que esta é uma realidade invisibilizada e que o movimento vai muito além da dança e da música, oportunizando espaços de convivência sadia e evitando que jovens estejam pelas ruas sem uma atividade cultural e educativa.

4. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

Este tema faz parte do meu cotidiano. A produção jornalística em audiovisual foi uma das expertises que o Curso de Graduação em Jornalismo me ofereceu. Juntar essas duas áreas pareceu quase natural ao tematizar esta proposta em um programa. A vivência e a experiência me ajudaram a escolher e amadurecer o tema. Durante a disciplina de Planejamento, comecei a estruturar roteiros de trabalho e a organizar as gravações.

Os processos de produção deste projeto foram desenvolvidos em várias etapas, cada uma essencial para garantir a qualidade e a coerência do produto. Desde a fase de planejamento, passando pela execução das gravações, até a edição e organização final, o trabalho exigiu dedicação e adaptação para superar desafios imprevistos. Este capítulo apresenta o detalhamento de todas as etapas de produção do documentário, dividido em subitens que tratam da pré-produção (4.1), seleção de fontes e entrevistas (4.2), gravação e captação de imagens (4.3), e edição e finalização (4.4).

Cada etapa trouxe aprendizados, marcados por ajustes, decisões racionais e o uso de diferentes ferramentas e equipamentos. O planejamento começou com uma pesquisa aprofundada sobre as cenas locais de Hip Hop, visando selecionar temas e locais representativos. Durante as entrevistas, foi necessário conquistar a confiança das fontes e adaptar-se às características de cada cenário. A gravação foi realizada em três municípios, em momentos distintos, o que exigiu organização e eficiência no uso dos equipamentos disponíveis. Por fim, a edição consolidou o trabalho, transformando as imagens e relatos captados em episódios narrativos.

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO e PRODUÇÃO

A pré-produção começou no início de 2024, quando iniciei a disciplina de Planejamento de TCC. Embora eu já tivesse algumas informações e contatos de eventos anteriores, eles estavam desorganizados e incompletos. Durante o planejamento, organizei e listei tudo o que precisava ser abordado, identificando possíveis entrevistados e fontes de material relevante.

Essa fase serviu como alicerce do projeto, com o objetivo principal de estruturar a ideia do programa, escolhendo locais, temas e fontes de informação. Inicialmente, os municípios de Garopaba, Imbituba (Praia do Rosa) e Laguna foram selecionados pela

facilidade geográfica e relevância histórica e cultural no movimento Hip Hop. No entanto, ao aprofundar as pesquisas, percebi que cada cena local apresentava características únicas que precisavam ser respeitadas e exploradas no projeto. Garopaba se destacou pelo *break dance*; Imbituba (Praia do Rosa) pela inovação do graffiti aplicado a contextos tradicionais e, Laguna, pelo impacto histórico da música no estilo rap.

Para identificar as fontes e eventos a serem documentados, acompanhei redes sociais de grupos e artistas locais. Em Garopaba, o acompanhamento das redes foi essencial para descobrir a data de um importante evento de *break dance* em setembro de 2024. Durante uma roda cultural de batalha de rima em Garopaba, conheci pessoas que me indicaram um grafiteiro em Imbituba, que estava envolvido em um projeto de pintura de murais na Praia do Rosa. Em Laguna, a pesquisa revelou um rico histórico de rap, com batalhas de rima e projetos sociais moldando a cena local.

O planejamento também incluiu a organização logística e técnica. Com o apoio de contatos feitos ao longo da graduação, consegui o empréstimo de equipamentos como câmera, tripé, luzes e microfones de lapela. Devido à restrição de uso dos equipamentos aos fins de semana, as gravações foram cuidadosamente agendadas. Nessa etapa, comecei a moldar as pautas e roteiros de cada episódio, adaptando-os conforme as oportunidades e desafios encontrados.

Antes de iniciar o segundo semestre letivo, comecei a realizar as entrevistas, optando por Laguna como primeira experiência. Por ser a cidade mais distante da minha residência e onde eu tinha menos fontes, contactar pessoas chave nesse momento ajudou na construção do projeto. Como foram as primeiras entrevistas realizadas, eu não tinha intimidade com os equipamentos e cometi falhas técnicas que, no entanto, me ensinaram muito.

Em todas as minhas saídas de campo, algo novo acontecia, algum imprevisto surgia, e tudo isso se tornou aprendizado. Por exemplo, levar um tripé que não encaixava no equipamento ou utilizar o microfone com o volume no máximo sem monitorar o áudio, e só descobrir que estava tudo estourado ao ouvir o conteúdo. Também houve casos de excesso de abertura de câmera em dias muito iluminados, resultando em imagens estouradas das minhas fontes. Esses percalços, que acredito me acompanharão ao longo da vida profissional, serviram para entender que as pesquisas antes de sair a campo não deveriam se limitar às fontes e cenários prováveis, mas também incluir tutoriais sobre o manuseio dos equipamentos.

4.2 FONTES

Todas as entrevistas foram realizadas entre agosto e outubro de 2024. As entrevistas foram presenciais, com exceção de uma, feita por chamada de vídeo por meio de um aplicativo de mensagens. A escolha das fontes foi estratégica para oferecer um panorama abrangente do Hip Hop nos municípios abordados. Foram entrevistados artistas e agentes culturais com diferentes papéis e perspectivas dentro da cultura Hip Hop. Ao todo, os episódios incluíram 15 fontes principais, com destaque para dançarinos, grafiteiros e rappers.

No episódio de Garopaba, cinco pessoas foram entrevistadas. A escolha das fontes neste episódio foi parte premeditada e parte ocorreu durante a apuração.

- Rogério Ribeiro – B. boy³, educador social e um dos organizadores da Batalha d’Improviso. No evento, Rogério também atuou como jurado e mestre de cerimônias. Está há mais de 25 anos envolvido com o movimento Hip Hop;
- Ana Paula Matos – B. Girl⁴, bailarina e professora de dança. No evento, Ana Paula atuou como jurada e participou da batalha geral mista, ficando na segunda colocação. Iniciou na dança ainda criança;
- Diego Radesh – B. boy. Diego é morador de Imbituba e foi até Garopaba para participar do evento. Ficou com a terceira colocação na batalha geral mista. Iniciou na dança, ainda criança, no município de Criciúma (SC);
- Juliano Thomaz – B. boy e palhaço. Iniciou na dança há apenas 1 ano;
- Marcílio Filho – MC do grupo Chubazada, de Tubarão (SC). Marcílio reside há 5 anos em Garopaba e mantém projetos voltados à música com artistas de diversas regiões do estado.

No episódio da Praia do Rosa, em Imbituba, dois grafiteiros(as) foram entrevistados(as). Ambos são idealizadores do projeto Cor e Arte, que busca revitalizar espaços com murais urbanos. A escolha de incluir esses dois artistas foi motivada pela inovação de unir arte urbana com a tradição dos ranchos de pesca, além de aumentar a representatividade feminina no documentário.

- Leopoldo Costanzo – Grafiteiro, tatuador e arquiteto. Leopoldo é natural de

³ A pessoa que pratica o *break dance* do sexo masculino.

⁴ A pessoa que pratica o *break dance* do sexo feminino.

Porto Alegre e reside na Praia do Rosa há 4 anos;

- Maria Eduarda Santos – Grafiteira e tatuadora. Maria é natural de Florianópolis e reside na Praia do Rosa há 1 ano, mesmo tempo em que iniciou nas pinturas de rua;

- Durante a captação, foram abordadas pessoas que estavam próximas e observavam nossa movimentação. Duas pessoas aceitaram participar do “fala-povo”: Marco Antonio, residente de um bairro próximo a Praia do Rosa, e Erirelton Luis, turista do Rio Grande do Sul que possui casa na Praia do Rosa há 30 anos.

Em Laguna, o episódio incluiu oito agentes culturais, entre eles veteranos do rap, organizadores de batalhas e participantes de projetos sociais. Essa pluralidade permitiu traçar um panorama histórico da cena de rap na cidade, explorando tanto o passado quanto as iniciativas atuais. Apenas três dessas pessoas tinham sido contactadas anteriormente, as outras cinco foram indicadas pelos próprios participantes que atuaram como assistentes de produção.

- Mano Sapo – É MC, produtor musical e beatmaker⁵. Possui diversas músicas gravadas e uma loja de batidas instrumentais. Encabeça o projeto CBC a Banca, que reúne MC’s do bairro onde mora. Montou um estúdio de captação e gravação de voz no quintal de casa e atua como umimã, atraindo diversos artistas da região;

- Mano Pessoa – Ajudou a fundar um dos primeiros grupos de rap de Laguna. Se afastou da música ainda no início da carreira e agora, influenciado por Mano Sapo, voltou a compor e gravar músicas;

- Mano B.A. – Foi integrante do primeiro grupo de rap de Laguna. Não atua mais no movimento Hip Hop;

- Piccho – MC e produtor musical. Piccho atuou em grupos de rap da região;

- Se7e – MC e produtor cultural. Se7e ajudou a fundar a roda cultural Batalha de Laguna;

- Tr3is no Beat – Dj e beatmaker. Tr3is iniciou a trajetória artística incentivado por um projeto social organizado pela CUFA de Laguna;

⁵ Beatmaker é o produtor musical que utiliza ferramentas, equipamentos ou *softwares* computacionais para criar músicas instrumentais que podem ser usadas como trilha sonoras, trilhas de *background* ou trilhas para que MCs realizem sua performance.

- Mano Bury – MC. Integra o projeto CBC a Banca;
- Alekys Smyth – MC. Integrou grupos de rap e hoje faz parte do projeto CBC a Banca.

Outros 13 agentes culturais foram entrevistados no período de realização do projeto. Essas entrevistas não foram utilizadas na confecção dos programas, pois possuem abordagens que não encaixam com as temáticas escolhidas para compor os três primeiros episódios do programa. No entanto, como há previsão de continuidade, elas não foram descartadas e poderão servir para a composição de episódios futuros.

4.3 ROTEIRO, CAPTAÇÃO DE IMAGENS E ENTREVISTAS

A gravação dos episódios foi realizada em etapas, entre agosto e outubro de 2024, seguindo o cronograma inicial. Cada episódio exigiu estratégias específicas de captação, adaptadas às características dos eventos e locais abordados. Somente após a conclusão das entrevistas foi possível desenvolver roteiros coerentes para a composição dos programas.

Inicialmente, a proposta era abranger todos os movimentos culturais gerados em cada município. No entanto, a escassez de alguns elementos em certas localidades levou a ajustes na abordagem. Um aspecto que contribuiu significativamente foi o diálogo constante com minha orientadora em diversas etapas do processo. Em algumas ocasiões, precisei regravar trechos, offs ou mesmo reeditar partes do material, mas cada uma dessas experiências trouxe aprendizados valiosos. Esses desafios me ajudaram a refletir mais profundamente sobre o telejornalismo — ou, mais precisamente, sobre o jornalismo que explora o audiovisual e suas múltiplas potencialidades.

Além dessas informações, é importante ressaltar que, como eu era a pessoa que gravava e entrevistava simultaneamente, meu posicionamento durante a captação das entrevistas não era fixo. Ora estava atrás da câmera ajustando o enquadramento das imagens, ora estava apenas gravando, posicionado ao lado da câmera e confiando que tudo estava certo. Por vezes, para complementar as imagens, ainda segurava uma câmera DJI Osmo Pocket enquanto tudo acontecia.

4.3.1 GAROPABA

A gravação das entrevistas ocorreu em um único dia, no último sábado (28) de setembro, durante um evento de *breaking*⁶ na praça central da cidade. Para os registros, levei duas câmeras, tripé, microfones de lapela, iluminação e celular. Capturei imagens do evento, dos dançarinos em ação e dos momentos de interação entre os participantes. As entrevistas foram realizadas no mesmo dia, aproveitando os intervalos das batalhas e após a finalização do evento.

Eu havia avisado aos organizadores que estaria cobrindo o evento e fazendo imagens, mas não tinha combinado de realizar nenhuma entrevista. No entanto, durante o evento, abordei pessoas que eu havia filmado dançando e que sabia da importância para o *break* e para a cultura como um todo na região. Apenas a entrevista com o rapper⁷ Marcílio foi premeditada; avisei que estaria na praça cobrindo o evento e o convidei para participar das entrevistas. Inicialmente, a ideia era abranger mais elementos, incluindo um MC da cidade, mas com a modificação do roteiro, utilizei no programa apenas um questionamento específico sobre aquele evento.

As imagens que ilustram a cidade de Garopaba, mostrando ruas e ambientes além da praça central, foram capturadas durante uma outra saída de campo no dia 3 de setembro. Enquanto me dirigia para uma batalha de rimas na cidade, aproveitei a oportunidade para captar essas imagens.

No dia 17 de novembro, durante um festival de dança na cidade, ocorreu uma batalha de *breaking* na praça central. Para registrar esse momento, utilizei uma câmera DJI Osmo Pocket e, acompanhado do meu filho Mares, realizei imagens que serviram de apoio para a montagem do projeto.

As captações dos eventos foram favorecidas pela presença constante do sol. No entanto, as tomadas do município de Garopaba foram prejudicadas pelo período em que as fumaças das queimadas na Amazônia e na região central do Brasil afetaram a qualidade do ar em Santa Catarina. O tempo total despendido para realizar as captações de imagens e entrevistas para esta pauta foi de cinco horas.

⁶ O termo que se refere à dança do *Break* define a expressão corporal característica da cultura Hip Hop, sendo quem a pratica chamado de *breaker*. Por vezes, utiliza-se também o termo *breaking*, enfatizando o aspecto dinâmico e criativo da dança, que é construída por meio de movimentos improvisados e instintivos. Neste trabalho, utilizaremos ambas as formas — ora *breaking*, ora *break* — sempre se referindo à dança de maneira geral.

⁷ Pessoa que pratica o rap. Neste caso, o termo MC também poderia ser utilizado.

4.3.2 IMBITUBA (Praia do Rosa)

A captação na Praia do Rosa foi realizada em duas etapas distintas, nos dias 5 e 30 de outubro. No primeiro dia, entrevistei o grafiteiro Leo Costanzo sobre o mural inicial. No segundo dia, entrevistei, além do Leo, a grafiteira e tatuadora Duda Santos.

O contato com Leo Costanzo foi feito através do Instagram, por indicação de outra fonte. Achei interessante o projeto que ele estava iniciando, pois contava com o apoio de uma loja de tintas local. O primeiro mural retratava um manifesto contra as queimadas na Amazônia. No primeiro encontro, em frente ao muro grafitado para o projeto, realizei uma entrevista com Leo. Ele havia comunicado que sua parceira no projeto estaria presente, mas ela não apareceu. Inicialmente, acreditava que essa entrevista iria compor um material sobre toda a cultura Hip Hop no município de Imbituba. No entanto, após obter a segunda entrevista, já com a presença da outra grafiteira, o roteiro do episódio 2 começou a ficar mais nítido.

Durante o primeiro contato, informei Léo para me avisar quando fosse ocorrer a pintura do segundo mural. Não tendo acompanhado o processo inicial, achei que apenas pegar o mural pronto poderia resultar em um material pobre. Quando ele me avisou sobre a confecção do segundo mural, meu planejamento inicial era realizar captações até a metade de outubro e o cronograma estava sendo cumprido até então. Após alguns dias para me organizar, consegui me preparar para realizar as novas entrevistas e acompanhar o processo de produção, mas, ao chegar na Praia do Rosa, percebi que os artistas já haviam finalizado a obra. Soube disso apenas quando cheguei e vi o rancho de pesca. Mesmo assim, acreditei na pauta por incluir uma mulher, pois a proposta do projeto sempre foi incentivar esse tipo de inclusão.

Fui acompanhado por um colega que efetuou imagens de drone e contribuiu com ideias de enquadramento e cenário. Mesmo com a falta das imagens dos artistas pintando o rancho de pesca, combinei com eles que me enviassem os registros que tinham feito durante o processo, o que possibilitou ampliar a narrativa imagética.

Durante a captação de imagens de apoio, no interior do rancho de pesca, tentamos contato com o pescador dono do rancho, mas ele não aceitou ser entrevistado. Também solicitei o contato do dono da loja que estava patrocinando os murais, mas acabei desistindo devido ao cronograma apertado em que estava trabalhando.

As imagens que mostram o bairro da Praia do Rosa foram produzidas no caminho, antes e depois de encontrar as pessoas entrevistadas. Essas imagens procuravam captar muros

grafitados e elementos que fizessem uma ligação entre natureza intocada e cultura urbana. Imagens de muros grafitados em outras localidades do município de Imbituba foram incluídas no episódio para mostrar que esse tipo de manifestação era amplo na cidade e não apenas naquele recorte que escolhi pautar. O tempo total despendido para realizar as captações de imagens e entrevistas para esta pauta foi de seis horas.

4.3.3 LAGUNA

A etapa de gravação em Laguna foi realizada em duas fases, nos dias 24 de agosto e 29 de setembro de 2024. A escolha dessa cidade se deu pela relevância histórica de sua cena de rap no movimento Hip Hop local, marcada por grupos, batalhas e projetos que moldaram o cenário cultural ao longo dos anos. O objetivo principal foi captar entrevistas e imagens que contextualizassem a trajetória e a atualidade do rap em Laguna, utilizando cenários emblemáticos para reforçar a narrativa.

A primeira etapa das gravações em Laguna iniciou com uma viagem que exigiu cerca de três horas de deslocamento entre ida e volta. Apesar das condições climáticas adversas, com chuva e ventos frios, foi possível realizar duas entrevistas iniciais, essenciais para o direcionamento do projeto. Durante essa primeira visita, fui acompanhado por minha família, e a experiência serviu também para testar os equipamentos e ajustar a abordagem do projeto.

O primeiro entrevistado foi Mano Sapo, artista com quem já mantinha contato pelas redes sociais e que, ao longo dos anos, consolidou um papel relevante na cena do rap em Laguna. A entrevista foi realizada em sua residência, onde também funciona o estúdio "Estúdio Em Casa". Mano Sapo destacou a importância de sua trajetória no rap e, antes do início das gravações, sugeriu a participação de um colega com ampla experiência no movimento. Essa abertura inicial demonstrou a confiança estabelecida e facilitou o acesso a outras fontes.

Além das entrevistas, foi possível estabelecer conexões importantes com os artistas, que se comprometeram a auxiliar na identificação de outras figuras relevantes para futuras gravações. Embora as condições climáticas não tenham permitido a captação de imagens externas da cidade nessa ocasião, o material obtido foi suficiente para embasar o planejamento da segunda etapa. O tempo total despendido para realizar as captações de imagens e entrevistas neste primeiro momento foi de sete horas.

Na segunda etapa, realizada em um domingo ensolarado, voltei a Laguna para concluir

as gravações, desta vez sozinho. Fui novamente recebido por Mano Sapo, que estava acompanhado de Mano Pessoa, e juntos planejamos um dia inteiro de entrevistas e captação de imagens. Assim como na primeira visita, os anfitriões organizaram um momento de acolhimento, com uma mesa de café da manhã antes do início das atividades.

A primeira entrevista do dia foi com Amendoim, amigo de longa data de Mano Sapo e integrante da cena local. Por questões de saúde, Amendoim estava acamado e a gravação ocorreu em seu quarto. Embora o conteúdo da entrevista fosse relevante, optou-se por não o utilizar no episódio final devido às limitações estéticas do cenário. Em seguida, entrevistei Mano Bury, integrante da banca de Mano Sapo, e Tr3is no Beat, DJ e *beatmaker*, que me recebeu em sua residência e mostrou o estúdio que estava montando para seus projetos musicais.

Após uma pausa para o almoço na casa de Mano Sapo, onde aproveitei para recarregar as baterias dos equipamentos, seguimos para a Praça da UDESC, ponto de encontro marcado para a segunda parte das gravações. Apesar de alguns imprevistos relacionados à presença de artistas esperados, foi possível realizar entrevistas com Piccho e Se7e, MCs representativos da cena de rap em Laguna. Piccho, um artista experiente, e Se7e, além de MC, é fundador da roda cultural Batalha de Laguna. As entrevistas trouxeram perspectivas históricas e atuais sobre o movimento na cidade. Durante nossa permanência na praça, fizemos uma ligação em vídeo com outro integrante da CBC a Banca, Mano Alekys, a pedido de Mano Sapo. Como não estava preparado para este tipo de captação, solicitei a Mano Sapo que realizasse a condução das perguntas enquanto cuidava da captação de áudio e enquadramento.

No final da tarde, foi realizada uma última entrevista com Mano B.A., um dos nomes mais antigos da cena Hip Hop local. Optou-se por gravar no centro histórico de Laguna, com o objetivo de aproveitar o cenário para contextualizar a cidade dentro da narrativa do episódio. Durante os deslocamentos ao longo do dia, foram captadas imagens de apoio que destacaram os elementos urbanos e históricos de Laguna, fortalecendo a construção visual do episódio. O tempo total despendido para realizar as captações de imagens e entrevistas neste segundo dia de entrevistas foi de doze horas.

As sessões de gravação em Laguna contribuíram significativamente para a estruturação do episódio dedicado à cidade. A vivência no local permitiu identificar peculiaridades da cena Hip Hop, como a predominância do rap sobre outras expressões culturais do movimento, como o *break* e o graffiti. Essa constatação levou a ajustes no roteiro inicialmente planejado, a fim de respeitar as especificidades culturais de Laguna. Além disso, o envolvimento direto de Mano Sapo e Mano Pessoa como assistentes de

produção voluntários foi essencial para o sucesso da etapa. A liberdade dada a eles para interagir durante as entrevistas mostrou-se uma estratégia eficaz para engajar as fontes e criar um ambiente de colaboração. Por fim, a experiência reforçou a importância de adaptação e flexibilidade durante o processo de produção, elementos essenciais para a construção de um programa fiel às realidades culturais abordadas.

4.4 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

A etapa de edição teve início na segunda quinzena de novembro, após um atraso causado por compromissos pessoais e a demanda de um projeto emergencial. Este processo, que se estendeu até a primeira semana de dezembro, foi uma das fases mais intensas da produção, demandando cerca de 100 horas de trabalho distribuídas entre dias úteis e finais de semana. O objetivo era transformar as gravações brutas em episódios envolventes, com uma narrativa consistente e uma estética que refletisse a essência da cultura Hip Hop.

Para a edição de vídeo, utilizei o *software* Adobe Premiere, que foi essencial para o corte, montagem e ajustes técnicos das imagens. Para a criação de elementos visuais, como *graphics characters* (GCs) e a vinheta do programa, empreguei o Canva⁸, garantindo uma identidade visual coerente e atrativa. Todo o processo de edição foi cuidadosamente planejado para integrar trechos relevantes das entrevistas com imagens de apoio captadas em eventos e paisagens urbanas.

A roteirização foi ajustada durante a edição, a fim de assegurar um fluxo narrativo envolvente e coerente. A sequência dos episódios foi estrategicamente definida. Garopaba, inicia com a energia vibrante do *breaking*, destacando a dinâmica dos eventos na praça central da cidade. Imbituba, aborda a inovação e o contraste do graffiti em um contexto inusitado, como o rancho de pesca tradicional. Laguna, finaliza com a profundidade histórica do rap, abordando a trajetória e as dificuldades enfrentadas pela cena cultural.

Essa organização buscou construir uma narrativa crescente, transitando da expressão corporal para a visual e, finalmente, para a verbal, proporcionando ao espectador uma visão ampla e diversa da cultura Hip Hop nos municípios abordados.

Uma característica fundamental do projeto foi contextualizar historicamente os conteúdos abordados. Durante a edição, foi realizada uma pesquisa complementar para encontrar imagens de apoio que enriquecessem a narrativa. Essas imagens foram obtidas em

⁸ Plataforma *on-line* de edição gráfica. É possível acessar em <https://www.canva.com/>

plataformas como YouTube, Facebook e Instagram, sendo devidamente creditadas no material final. Essa etapa garantiu a integridade ética do projeto e contribuiu para a construção de um produto informativo e visualmente atrativo.

Os GCs e os créditos finais foram pensados para transmitir informações de forma clara e harmônica, sem competir visualmente com os elementos principais da cena. Optou-se por posicionar todos os GCs no mesmo local, mantendo a consistência visual e facilitando a leitura para o público. Esse cuidado reforçou a fluidez do material e evitou distrair a audiência do conteúdo principal.

A cultura Hip Hop, marcada pela música, dança e artes visuais, foi um elemento norteador na edição. A estética do movimento foi incorporada por meio do uso de cores vibrantes, ritmos dinâmicos e transições que refletiam a energia dos elementos culturais abordados.

Durante as gravações, dois produtores musicais de Laguna – Mano Sapo e Tr3is no Beat – ofereceram suas composições instrumentais para uso no projeto. Mano Sapo disponibilizou quatro faixas, enquanto Tr3is no Beat forneceu seis. Essas trilhas foram integradas nos episódios, sendo utilizadas em transições, vinhetas de abertura e encerramento, além de momentos-chave dos episódios. A inclusão dessas músicas reforçou a autenticidade do projeto, conectando a narrativa audiovisual diretamente às criações dos artistas entrevistados.

Na etapa de finalização, foram realizados ajustes de cor e áudio, com o objetivo de garantir a qualidade técnica e estética do produto. O equilíbrio entre as cores, a nitidez das imagens e a uniformidade sonora foram priorizados para proporcionar uma experiência imersiva ao espectador.

Essa fase marcou a consolidação de meses de trabalho, transformando ideias e registros em um programa que reflete a riqueza e a diversidade do Hip Hop em Garopaba, Imbituba e Laguna. O resultado não apenas alcançou os objetivos propostos, mas também revelou nuances importantes sobre a relevância cultural e social do movimento Hip Hop nas regiões exploradas.

5. RECURSOS

A produção das entrevistas, pesquisas e edição do projeto foram realizadas com equipamentos cedidos por empréstimos. Todas as pessoas envolvidas na produção das reportagens participaram de forma voluntária, sem qualquer tipo de remuneração. Os custos financeiros diretos estiveram concentrados em despesas com deslocamento e estão descritos na tabela como investimento efetivado.

Os equipamentos utilizados e seus respectivos valores de mercado, foram calculados a partir de resultados obtidos no *Google Shopping*. Para estimar o valor das horas de trabalho empregadas no desenvolvimento do projeto, utilizou-se como base a tabela de referência do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina. Para funções que não constam na tabela do sindicato, os valores foram estimados com base em pesquisas realizadas na plataforma *Glassdoor*.

Função	Descrição	Quantidade/ Unidade	Valor (R\$)	Total (R\$)
Captação de Imagens	Câmera DJI Osmo Pocket - Model OT110	1	3.349,00	3.349,00
Captação de Imagens	Câmera Sony ZV-E10(50mm fixa)	1	5.610,00	5.610,00
Captação de Imagens	Câmera Sony AlphaA6400 4k	1	5.750,00	5.750,00
Captação de Imagens	Tripé Benro KH26P	1	1.368,00	1.368,00
Captação de Imagens	Iluminação Video LightLED VL003-150 - Power 12W	1	220,00	220,00
Captação de áudio	Synco G2 - Lapela com fio	1	580,00	580,00
Edição	Computador LG All in One Intel Core i5-7200U CPU @ 2.50GHz 2.71 GHz	1	2.900,00	2.900,00
Memória	Lexar 128Gb para a DJI	1	115,00	115,00

Memória	SanDisk 512Gb para aSony	1	296,00	296,00
Memória	HD externo 1TBSamsung	1	240,00	240,00
Serviços	Reportagem cinematográfica s/ equipamento (3horas)	3	350,00	1.050,00
Serviços	Reportagem cinematográfica s/ equipamento (8horas)	1	780,00	780,00
Serviços	Edição	90 horas	30,00	2.700,00
Serviços	Assistente de produção	11 horas	15,00	165,00
Serviços	Cinegrafista	14 horas	20,00	280,00
Deslocamento	Gasolina	24 litros	6,10	146,40
Deslocamento	Pedágio	4	2,40	9,60
Deslocamento	Alimentação	4 dias	50,00	200,00
Previsão de custo total do projeto			25.759,00	
Investimento efetivado			356,00	

A proposta de apresentar os recursos empregados busca demonstrar o investimento real necessário para produzir um programa do porte do que foi desenvolvido, permitindo ter em mente o quanto seria possível negociar para viabilizar a produção deste tipo de conteúdo jornalístico. É possível pensar em patrocinadores locais e, considerando o teor dos conteúdos, qualquer empresa pode ser apta a apoiar. Além disso, há benefícios fiscais disponíveis em âmbito estadual e nacional por meio das leis de incentivo à cultura, dependendo dos recursos disponíveis em cada estado e município. Também é viável buscar apoios diretos, como a compra de cotas por episódio.

Conforme mencionado anteriormente, este programa tem como objetivo geral ser uma proposta piloto que possibilite a sua viabilização como uma atividade profissional futura, funcionando também como uma fonte de renda. Por isso, pensar nos custos além do que foi efetivamente gasto é essencial para garantir a viabilidade profissional. A produção foi realizada, na medida do possível, de forma independente, utilizando os equipamentos disponíveis. Este processo não apenas testou minhas habilidades e condições, mas também permitiu identificar o que é viável realizar com os recursos existentes e o que demanda equipamentos e estruturas adicionais.

6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

A produção de um projeto audiovisual robusto como “Na Caminhada” apresentou desafios que exigiram adaptações criativas e soluções práticas ao longo de sua execução. Desde a captação até a finalização, diversos obstáculos surgiram, trazendo aprendizados valiosos que contribuíram para meu desenvolvimento como jornalista.

Uma das principais dificuldades foi conciliar as gravações com outras demandas pessoais e profissionais, o que resultou em ajustes no cronograma. Apesar de concluir a captação dentro do período estipulado, a etapa de edição começou apenas na segunda quinzena de novembro, pressionando o cumprimento dos prazos. Foi um processo árduo, mas repleto de aprendizados. A pesquisa de imagens históricas e de apoio, realizada em plataformas como YouTube e redes sociais, evidenciou a importância de documentar e contextualizar visualmente os temas abordados. Além disso, o uso de ferramentas como Adobe Premiere e Canva aprimorou minhas habilidades técnicas e criativas, possibilitando a criação de um produto final coeso e envolvente.

Aprendi que, mesmo com o material quase pronto, o trabalho realmente começa na fase de reedições. Muitas vezes foi necessário refazer cortes, reorganizar partes, buscar novas cenas e ajustar o texto às imagens e vice-versa. Em várias ocasiões, compartilhei com minha orientadora: “Prof, tá difícil, mas vou fazer, não se preocupa.”

Outro grande desafio foi a logística para gravar em diferentes cidades, como Garopaba, Imbituba e Laguna. O deslocamento, a organização de entrevistas e o transporte dos equipamentos demandaram planejamento detalhado, mas nem sempre tudo saiu como previsto. Muitas vezes era preciso improvisar e fazer o melhor com o que havia disponível no momento, sem chances para refazer. Por exemplo, em Laguna, condições climáticas como vento e chuva dificultaram as gravações externas.

Além disso, a ausência de representantes de algumas manifestações do Hip Hop, como o *break* e o *graffiti*, limitou a diversidade cultural inicialmente planejada para o projeto em Laguna. Essa situação exigiu flexibilidade e criatividade na escolha das entrevistas e na adaptação do roteiro. Mesmo diante da ausência de fontes consideradas ideais, buscar novas possibilidades de entrevistados enriqueceu o trabalho, mostrando que improvisação e flexibilidade são parte essencial do jornalismo.

A utilização de diferentes equipamentos para gravação trouxe desafios técnicos, como a alternância entre câmeras portáteis e fixas, o que comprometeu, em alguns momentos, a uniformidade visual do material. A iluminação inadequada em gravações realizadas ao final

do dia ou em ambientes internos, como o quarto de um entrevistado em Laguna, também impactou a qualidade estética. Embora tenha produzido bastante material com o celular, decidi não incluí-lo nos episódios finais. Discuti com a orientadora a possibilidade de usar essas imagens em conteúdos para redes sociais como Instagram, TikTok e Twitter. Porém, devido ao tempo limitado e às demandas do final de curso, isso não foi possível, mas segue como uma ideia para projetos futuros.

A decisão de excluir algumas entrevistas da edição final foi outro aprendizado importante. Por exemplo, a entrevista com Amendoim, realizada em condições visuais e narrativas pouco favoráveis, acabou sendo retirada para preservar a qualidade do episódio.

Apesar das dificuldades, o projeto trouxe aprendizados significativos. A interação com as fontes antes das gravações revelou-se uma estratégia eficiente para criar confiança e obter depoimentos mais profundos. Em Laguna, contatos prévios com Mano Sapo e outros entrevistados foram essenciais para garantir um ambiente colaborativo e contribuições valiosas.

Outro aprendizado foi a importância de adaptar o roteiro e a narrativa conforme os desafios surgiam. A predominância do rap sobre outras manifestações do Hip Hop em Laguna, por exemplo, exigiu uma reestruturação do foco narrativo, resultando em episódios mais autênticos e alinhados à realidade cultural de cada local.

Por fim, a maior lição deste projeto foi a resiliência e a capacidade de encontrar soluções diante dos imprevistos. “Na Caminhada” não apenas consolidou minhas habilidades técnicas e narrativas, mas também reforçou a importância de flexibilidade, planejamento e persistência em projetos audiovisuais. Esse aprendizado será uma base sólida para produções futuras, onde cada desafio será encarado como uma oportunidade de inovar e crescer como profissional.

7. VIABILIDADE E CONCLUSÃO

A produção dos programas piloto “Na Caminhada” representou um marco tanto pessoal quanto profissional, reunindo desafios técnicos, criativos e logísticos que se traduziram em importantes aprendizados. Durante o processo, explorei o universo do Hip Hop em Garopaba, Imbituba e Laguna, registrando memórias e narrativas que conectam o presente a um passado frequentemente relegado ao esquecimento. A cultura Hip Hop revelou-se não apenas como uma forma de expressão artística, mas também como uma estratégia de resistência e transformação social em um estado marcado por desigualdades e preconceitos.

Apesar das limitações inerentes a um formato independente — como a escassez de recursos e a ausência de alguns elementos culturais fundamentais —, acredito que o programa conseguiu cumprir seu propósito inicial: dar visibilidade a artistas e iniciativas que muitas vezes encontram poucas oportunidades de projeção.

A experiência trouxe também reflexões importantes sobre o papel do jornalismo televisivo na preservação da memória cultural. Documentar a cena Hip Hop em Santa Catarina foi mais do que um exercício técnico; foi um compromisso com a representatividade e a inclusão. O projeto ampliou o debate sobre a valorização das culturas locais e a democratização dos meios de comunicação, apontando para a relevância de se registrar e amplificar vozes que historicamente têm sido marginalizadas. Além disso, a escolha por um formato audiovisual, com potencial para ser distribuído em plataformas digitais, reforça a acessibilidade e a adaptabilidade do projeto. Dessa forma, ele dialoga com públicos diversos, permitindo que histórias antes desconhecidas alcancem um público mais amplo.

“Na Caminhada” reafirmou que a cultura, especialmente em regiões periféricas ou interioranas, enfrenta barreiras estruturais impostas por fatores políticos, econômicos e sociais. Contudo, mostrou também que, com dedicação e criatividade, é possível desenvolver produtos jornalísticos que ressignifiquem a percepção sobre movimentos culturais e promovam espaços de valorização e diálogo.

Por fim, posso dizer que Na Caminhada é mais do que um programa de televisão ou uma série sobre o Hip Hop. É uma tentativa de transformar olhares sobre a cultura e de criar um registro que inspire futuras iniciativas. Foi um exercício de aprendizado e superação, que demonstrou a importância de escutar e amplificar histórias de comunidades e indivíduos que têm muito a dizer, mas que nem sempre

encontram espaço para serem ouvidos. Ainda que em sua fase inicial, acredito que o projeto já traz contribuições significativas para a visibilidade do movimento Hip Hop em Santa Catarina. Este trabalho é apenas o início de uma jornada maior, que espero continuar a construir com dedicação, sensibilidade e o compromisso de valorizar as vozes que compõem o rico mosaico cultural da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flávio Soares; DIAS, Romualdo. **A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop**. Revista Motriz, Rio Claro, v.10, n.1, p.01-07, jan./abr. 2004. In: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/937>, acessado em outubro de 2024.

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 256 p. Tradução de: Afonso Celso da Cunha Serra.

BRASIL. Decreto nº 11.784, de 20 de novembro de 2023. Dispõe sobre as diretrizes nacionais para as ações de valorização e fomento da cultura hip-hop. Brasília, DF, 21 nov. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11784.htm Acesso em: 12 dez. 2024.

BRIDI, Sonia. *Lugar de repórter é na rua*. (2019-221). In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **Telejornalismo contemporâneo - 15 anos da Rede Telejor**. Florianópolis: Insular, 2020.

D, Noise. **KRS-One e os 9 elementos da cultura hip hop**. 2017. Disponível em: <https://www.bocadaforte.com.br/materias/krs-one-e-os-9-elementos-da-cultura-hip-hop>. Acesso em: 06 ago. 2024.

DI Quebrada. Direção de Marciano Alves. Produção de Lom Records. Intérpretes: Preta Keity, Mano Seco, I-Gor, Ghr, Negro Gui. Música: Na Caminhada. Criciúma: Favela Style, 2018. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PVUCM7UmQ70>. Acesso em: 11 dez. 2024.

EMERIM, Cárilda. **A entrevista na notícia de televisão**. Florianópolis, Insular, 2012.

_____. *Telejornalismo e semiótica discursiva*. (p. 93-119). In: VIZEU, A.; MELLO, Edna; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014.

_____. *O conceito de telejornalismo contemporâneo à luz da tradição e da inovação*. (p. 99-116). In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (Orgs.).

Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas. Florianópolis: Insular, 2020.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001. 432 p. Tradução de: Cid Knipel Moreira.

GUALBERTO, Clarice Lage; SANTOS, Záira Bomfante dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 1-30, 23 mar. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460x2019350205>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/PSDbVKD68gR4FxSRyK4zLxt/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.

GUIMARÃES, Victor Ribeiro. **O hip hop e a intermitência política do documentário**. Belo Horizonte: Ppgcom/Ufmg, 2015. 222 p. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2019/08/O-hip-hop-e-a-intermitencia-politica-do-documentario-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. — 10ª reimpressão.

SOUZA, Angela Maria de. **A caminhada é longa.. e o chão tá liso: o movimento hiphop em Florianópolis e Lisboa**. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2016. 206 p.

YORK, Ivor. **Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Roca, 2007.

APÊNDICE A – ROTEIRO

Na Caminhada: Cultura Hip Hop no Litoral Sul de Santa Catarina

Episódio 1 – A força do Break em Garopaba

Sobe som Trilha sonora Original Imagens do município de Garopaba (SC)	OFF: HOJE COMEÇA A NOSSA CAMINHADA PELO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA,/ PRA ENTENDER COMO A CULTURA HIP HOP SE CONECTA E SE FORTALECE NO INTERIOR DO ESTADO,/ LONGE DOS GRANDES CENTROS URBANOS.////
Vinheta de entrada	NA CAMINHADA
Imagens do município de Garopaba (SC) Baixa som Trilha sonora original Imagens da Batalha All Style 2x2 que ocorreu no evento 18º Garopaba em Dança, na Praça Governador Ivo Silveira, no centro de Garopaba	OFF: EU TÔ EM GAROPABA,/ MUNICÍPIO COM POUCO MAIS DE 30 MIL HABITANTES/ A CERCA DE 80 QUILOMETROS AO SUL DE FLORIANÓPOLIS./// ESTE LOCAL SERÁ PONTO DE PARTIDA/ PRA EXPLORAR UM DOS PILARES DO HIP HOP./////// HOJE É DIA DE BATALHA DE BREAK NA PRAÇA CENTRAL DA CIDADE,/ E EU TE CONVIDO A ACOMPANHAR A FORÇA DESSA CULTURA POPULAR POR AQUI.////
Sobe som Som ambiente Imagens da Batalha All Style 2x2 Baixa som	
Imagens da Batalha All Style 2x2 Imagens: SporTV4 – Jogos Olímpicos de Paris 2024 Imagens da Batalha All Style 2x2 Imagens da 13ª Batalha D'improviso	OFF: O BREAKING,/ QUE JÁ FOI VISTO APENAS COMO UMA DANÇA DE RUA,/ GANHOU RECONHECIMENTO MUNDIAL TAMBÉM COMO ESPORTE,/ AO SER INCLUÍDO NAS OLIMPÍADAS DE PARIS EM 2024./// EM GAROPABA A PAIXÃO PELO ESTILO SE MANIFESTA NÃO APENAS NOS PASSOS DE DANÇA,/ MAS TAMBÉM NA FORMA COMO OS FESTIVAIS NA CIDADE CRIAM UM ESPAÇO DE CONEXÃO E PERTENCIMENTO./////// A COMPANHIA ATITUDE,/ PRESENTE HÁ MAIS DE QUINZE ANOS NO MUNICÍPIO,/ ENCABEÇA OS PRINCIPAIS PROJETOS,/ COMO A BATALHA GAROPABA DIMPROVISO,/ QUE EM 2024 CHEGOU A DÉCIMA TERCEIRA EDIÇÃO./// ABERTO E GRATUITO,/ ESTE EVENTO SERVE COMO OPORTUNIDADE PARA TROCA DE EXPERIÊNCIAS/ E EXPANSÃO DA CULTURA NA REGIÃO.///////
Sonora: Rogério Ribeiro Organizador do evento – B.	- Quando a gente troca ideia com as pessoas, é que o fato de ele ser aberto e gratuito, ele garante o acesso das pessoas a esse evento (...) garante uma vivência

Boy – Educador Social	diferente para as pessoas. Uma visão sobre o Hip Hop diferente. Tanto que o público para o Hip Hop em Garopaba, ele é grande. Quando a gente faz evento sempre enche, sempre tem uma galera que vem. Mesmo pessoas que não são envolvidas com Hip Hop acabam vindo e a cada evento acaba envolvendo novas pessoas. Então a gente acaba conseguindo trazer novos adeptos para a Cultura Hip Hop, assim como público. Então, esse lance dele ser anual, ele garante uma continuidade do trabalho. Então, as pessoas têm para onde ir. As pessoas que estão praticando o Hip Hop, tanto em questão de Mc como de Breaking e tal, e os outros elementos, sabem que vai ter um encontro sobre isso. O Hip Hop é isso, ele é muito de estar na rua e aproveitar esse fluxo da rua para acessar todos na cidade.
Imagens da 13ª Batalha D'improviso	OFF: MANTER UM EVENTO COMO O GAROPABA D'IMPROVISO POR 13 EDIÇÕES NÃO É UMA TAREFA FÁCIL./// ALÉM DOS DESAFIOS FINANCEIROS E ESTRUTURAIS,/ HÁ O COMPROMISSO DE AMPLIAR O IMPACTO DO HIP HOP NA COMUNIDADE,/ INCORPORANDO ELEMENTOS QUE VÃO ALÉM DA BREAK,/ DO RAP,/ DO GRAFITE E DO DJ./// E MESMO COM DIFICULDADES,/ A RESILIÊNCIA DE QUEM FAZ O MOVIMENTO ACONTECER,/ SE APOIA NOS BENEFÍCIOS QUE SE APRESENTAM PELO CAMINHO.///
Sonora: Rogério Ribeiro Organizador do evento – B. Boy – Educador Social	- E as dificuldades assim, questão de produção também acontecem, né. A gente sabe que não é bem assim manter um evento por 13 edições, a gente sabe que a cada ano é uma dificuldade diferente. Às vezes tu consegue um apoio financeiro, beleza é mais suave, consegue trazer mais oficinas, beneficiar mais a comunidade. Tem outros anos que não, que a gente não consegue aprovar, talvez em algum edital o evento. E aí já é mais difícil. A gente se junta, se ajuda e faz acontecer. Cada um se doa um pouco para que isso aconteça. Então é isso, Garopaba D'improviso são muitas coisas, não Hip Hop só nos quatro elementos, mas sim, se fala em cinco elementos, trazer conhecimento. Mas também trazer a questão de identidade né, a gente sempre tem trancista trabalhando no evento, a gente tem corte de cabelo, né. Porque o Hip Hop não é só os elementos mais conhecidos, mas também o modo de se vestir, né. Cabelo, estilo e tudo mais. Então a gente pensa sempre em trazer isso né. Temos essa visão sobre
Imagens da 13ª Batalha D'improviso	OFF: ALÉM DAS BATALHAS,/ O EVENTO SE TORNA UM ESPAÇO PARA DESCOBRIR E

Sobe som Som ambiente	INCENTIVAR NOVOS TALENTOS,/ QUE LEVAM SEUS PRIMEIROS PASSOS AO PÚBLICO./// A ENERGIA É TÃO CONTAGIANTE,/ QUE NEM MESMO OS MAIS PEQUENOS CONSEGUEM FICAR DE FORA./// OLHA SÓ ESTE MENININHO SE AVENTURANDO NA RODA,/ MOSTRANDO QUE O HIP HOP É MESMO PRA TODOS.////
Sobe som ambiente Imagens de um menino de aproximadamente 2 anos tentando dançar na roda de break	
Imagens da Batalha All Style 2x2	OFF: OUTRA CARACTERÍSTICA MARCANTE DO CENÁRIO DO BREAK EM GAROPABA É O PROTAGONISMO FEMININO.//////////
Sonora: Ana Paula Matos B. Girl – Professora de dança	- Quando a gente olha pra Atitude, que para mim é um dos maiores grupos daqui do Brasil, e olhando aqui para Santa Catarina, pra Garopaba, o público dominante na dança é o feminino. Tanto que tem uma turma nossa só com meninas dançando.
Imagens da 13ª Batalha D'improviso	OFF: E ALÉM DESSA MISTURA DE GÊNEROS,/ E DE REUNIR DANÇARINOS DE TODAS AS IDADES,/ O EVENTO TAMBÉM PROPÕE UM AMBIENTE DE ACOLHIMENTO,/ ONDE O FOCO ESTÁ EM SE DIVERTIR E APRENDER JUNTOS.////
Sonora: Ana Paula Matos B. Girl – Professora de dança	- Inclusive eu consegui conversar com duas meninas para batalhar: é vamos se divertir. sério esquece o prêmio, esquece sabe, não é nenhum mundial isso aqui, é só pra gente, então vamos tirar esse lance do ego que atrapalha, de nervosismo e medo, e vamos dançar, vamos se divertir. E eu fui me acalmando sabe, e deu certo, inclusive elas também participaram depois dessa conversa que a gente teve sabe.
Imagens da 13ª Batalha D'improviso	OFF: A MOTIVAÇÃO DE UMA CONVERSA DESCONTRAÍDA, CRIANDO UM CLIMA DE LEVEZA ANTES DA APRESENTAÇÃO, CONTRASTA COM AS SENSACIONES QUE MUDAM AO LONGO DA DANÇA
Sonora: Ana Paula Matos B. Girl – Professora de dança	- Depois passa, é só no início. Depois que começa a dançar, que dai tu sente a música, que tu vê as pessoas ao teu redor, isso passa. Ai você deixa tudo a tona sabe, deixa a criatividade vir, deixa os passos fluírem. Musicalidade, tudo.
Som ambiente Imagens: Snows Ov Gethen Imagens: TV Cultura Imagens da 13ª Batalha	OFF: O HIP HOP SURTIU NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1970 EM NOVA YORK E CHEGOU AO BRASIL NA DÉCADA SEGUINTE,/ TENDO A DANÇA DE RUA COMO DESTAQUE./// DESDE ENTÃO,/ SE ESPALHOU DE NORTE A SUL DO PAÍS,/ GANHANDO FORÇA EM DIFERENTES

D'improviso	CONTEXTOS.//// EM GAROPABA,/ ELE SERVE COMO UMA FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO,/ EXPRESSÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL,/ PRINCIPALMENTE ENTRE JOVENS////
Sonora: Diego Radesh B. Boy	- Tudo que é cultura boa e raiz, ela tem um segmento bom e concreto, tanto para nós que já viemos de tempos atrás, quanto pros adolescentes ou crianças que estão entrando nesse ramo, é muito bom pro conhecimento educação. E segue uma linha de raciocínio artístico (...) tem gente que almeja e vê a experiência do cara aqui desde pequeno, que foi o meu caso, eu vi gente dançando e pô, quero ir nessa linha. Então é um bom exemplo pras crianças, pra cidade, entendeu?
Sonora: Rogério Ribeiro Organizador do evento – B. Boy – Educador Social	- A gente tem muitos jovens envolvidos nesse processo do Hip Hop com a gente, porque a gente tem projeto social já há quase 20 anos, então é uma galera que tem vários tipos de dificuldade não só para acessar o Hip Hop, mas dificuldade na sua vida mesmo né, por questões diversas, como algum problema na família, algum problema talvez com droga ou com álcool. Coisas assim, que a gente através do Hip Hop consegue resgatar essa galera né, consegue trazer uma outra visão de mundo. E aí vem a parte boa né, saindo dessa dificuldade, a gente consegue trazer uma outra visão de mundo, mais positiva, uma visão de protagonismo, pra eles se sentirem protagonistas e pertencentes a alguma coisa. Isso é importante para eles.
Sonora: Ana Paula Matos B. Girl – Professora de dança	- É um mix de emoções na verdade. E hoje foi uma mistura de muita alegria, sabe, é orgulho mesmo, de toda a trajetória, de ver as crianças dançando e tudo mais.
Imagens da 13ª Batalha D'improviso	OFF: ALÉM DE TRANSFORMAR VIDAS POR MEIO DA INCLUSÃO SOCIAL,/ O HIP HOP EM SANTA CATARINA ENFRENTA UM DESAFIO COMUM EM TODO O PAÍS:/ A LUTA POR VALORIZAÇÃO E APOIO À CULTURA.////// ESSE CENÁRIO ABRE ESPAÇO PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA ARTE COMO UMA FORMA PODEROSA DE EXPRESSÃO,/ UM CAMINHO PARA DESENVOLVER A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E UM INSTRUMENTO DE MUDANÇA SOCIAL QUE DEPENDE TAMBÉM,/ DO RECONHECIMENTO DO PODER PÚBLICO.//////
Sonora: Juliano Thomaz B.boy	- Eu acho que essas iniciativas tem que ter apoio, tem que ter incentivo, e tem que ter valorização né, a preocupação de se valorizar, pelos poderes né, pelas administrações públicas e todas as entidades que às

	vezes usam a arte né, como um trampolim político. E na real, tem que usar a arte como o valor que ela tem né, a arte como o que ela é. Valorizar os agentes culturais, as pessoas que vivem disso, que trabalham, que se esforçam para poder construir formação de público, formação de simbolismo, de mentalidade, simbolismo, enfim, trazer essa galera, essa criançada né, essa sensação de participar.
Sonora: Marcílio Filho Rapper	- Com certeza, quando as pessoas começarem a observar isso, vamos ter muito mais atenção. É porque hoje não é uma das prioridades. Não é uma prioridade que a gente possa se entender, que a gente possa se expressar, sabe. O grafite, o break, tudo que a gente possa botar aquilo que a gente não consegue falar, que a gente sentiu, traumas, situações que ficam dentro da gente como ser humano, eu acho que a arte, o Hip Hop, a dança, o break, o grafite, ele faz isso ser muito mais leve, ser muito mais solto para nós.
Sobe som Som ambiente Baixa Som Imagens da 13ª Batalha D'improviso	OFF: O HIP HOP NÃO É APENAS ARTE OU ENTRETENIMENTO:/ É UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL QUE NASCEU NA PERIFERIA E LEVA CONSIGO LIÇÕES DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO. /// EVENTOS COMO ESTE MOSTRAM O IMPACTO DA CULTURA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E NA INSPIRAÇÃO DE NOVAS GERAÇÕES,/ COMO UM EXEMPLO VIVO DE ESTILO DE VIDA E APRENDIZADO.///
Sonora: Juliano Thomaz B.boy	- Para mim isso aqui é um exemplo da arte popular, da arte de rua, da arte da periferia. Acho que isso aqui é um evento que tem que fortalecer, que tem que acontecer mais.
Sonora: Diego Radesh B. Boy	- assim como para mim foi importante, não só ver uma pessoa girando de cabeça e eu se aquela pessoa futuramente, treinando, eu acho que para todas as pessoas, crianças, é um bom exemplo de Cultura interna, externa, pra comunidade, entendeu? Isso forma a pessoa, entendeu? Para mim foi um grande exemplo e um ensinamento de vida, para mim não é mais uma cultura, é um estilo de vida mesmo.
Imagens da 13ª Batalha D'improviso Imagens da Batalha All Style 2x2	OFF: ESSA FOI NOSSA PRIMEIRA PARADA,/ MAS A CAMINHADA CONTINUA,/ PERCORRENDO O LITORAL SUL DE SANTA CATARINA,/ ONDE O HIP HOP SE DESENVOLVE DISTANTE DOS GRANDES CENTROS URBANOS.//// NOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS,/ VAMOS CONHECER OUTRAS INICIATIVAS QUE ESPALHAM ARTE E CULTURA POR AÍ.////// NOS VEMOS NA PRÓXIMA CAMINHADA.//////

<p>Sobe Som Imagens do pessoal reunido posando para a foto final do evento e puxando o grito: Uh é Hip Hop(e)!!!! Baixa som</p>	
<p>Sobe som Créditos do trabalho Imagens do processo de produção gravados pela companheira do B. Boy Radesh enquanto ele era entrevistado para o projeto. Fotos divulgadas pela Cia Atitude sobre o evento Garopaba d'Improviso</p>	

APÊNDICE B – ROTEIRO

Na Caminhada: Cultura Hip Hop no Litoral Sul de Santa Catarina

Episódio 2 – Cor e arte na Praia do Rosa

<p>Sobe som Imagens da Praia do Rosa – Imbituba (SC)</p>	<p>OFF: NOSSA CAMINHADA MOSTRANDO A CULTURA HIP HOP EM SANTA CATARINA CHEGA ATÉ A PRAIA DO ROSA,/ E NO EPISÓDIO DE HOJE,/ VAMOS ACOMPANHAR UM POUCO DA CONEXÃO ENTRE A NATUREZA E A ARTE URBANA QUE ROLA POR AQUI.////</p>
<p>Vinheta de entrada</p>	<p>NA CAMINHADA</p>
<p>Imagens da Praia do Rosa Crédito: Imagens de Drone: Guto Lavigne</p>	<p>OFF: A PRAIA DO ROSA,/ LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE IMBITUBA,/ É FAMOSA PELAS PAISAGENS,/ TRILHAS,/ E POR SER UM DOS MELHORES DESTINOS PARA OS PRATICANTES DO SURF.//// MAS O ROSA NÃO É SÓ MAR E NATUREZA.////// AQUI TAMBÉM EXISTE UMA CENA CULTURAL FORTE,/ ONDE O HIP HOP ESTÁ GANHANDO ESPAÇO//////</p>
<p>Sobe som Imagens da Praia do Rosa</p>	
<p>Imagens: Grandmaster Flash & Furious Five - The Message Wildstyle - The Movie</p>	<p>OFF: O HIP HOP NASCEU NAS RUAS DE NOVA YORK,/ NOS BAIRROS POBRES DO BRONX,/ COMO UMA FORMA DE EXPRESSÃO CULTURAL DE JOVENS NEGROS.////// COMPOSTO POR QUATRO ELEMENTOS,/ DJ,/ MC,/ BREAK E GRAFITE,/ ELE SURTIU COMO UM MOVIMENTO QUE MISTURA ARTE E PROTESTO,/ REFLETINDO AS DIFICULDADES DE ÁREAS EMPOBRECIDAS.//////</p>
<p>Sobe som Trilha sonora original Imagens: Pinacoteca de São Paulo - OSGEMEOS: Segredos (Websérie) Baixa som</p>	<p>Transição</p>
<p>Imagens: Pinacoteca de São Paulo - OSGEMEOS: Segredos (Websérie)</p>	<p>OFF: O GRAFITE,/ EM ESPECIAL,/ TRANSFORMOU OS MUROS E PAREDES EM TELAS ABERTAS PARA A CRIATIVIDADE.////// NESSA ARTE</p>

	<p>URBANA,/ CADA DESENHO,/ COR/ OU TRAÇO CONTA UMA HISTÓRIA,/ TRAZENDO REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO,/ A POLÍTICA E A SOCIEDADE.//// NO BRASIL,/ O GRAFITE GANHOU FORÇA AINDA NA DÉCADA DE 1970/ COMO UMA FORMA DE RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR,/ E,/ HOJE,/ É RECONHECIDO COMO UMA EXPRESSÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA,/ QUE INTEGRA O ESPAÇO URBANO////</p>
<p>Sobe som Imagens de Imbituba Baixa som</p>	<p>Transição</p>
<p>Imagens da Praia do Rosa</p>	<p>OFF: NA PRAIA DO ROSA,/ O GRAFITE SE UNE À BELEZA NATURAL,/ TRAZENDO UM CONTRASTE ENTRE A NATUREZA E A EXPRESSIVIDADE URBANA.//// HOJE,/ VAMOS CONHECER UMA DUPLA DE GRAFITEIROS QUE,/ POR MEIO DO PROJETO COR E ARTE,/ IDEALIZADO POR UM GAÚCHO DE PORTO ALEGRE/ E UMA MANEZINHA DE FLORIPA/ ESTÁ COLORINDO OS MUROS DO ROSA/ E FORTALECENDO A CENA HIP HOP NO LOCAL.//////</p>
<p>SONORA: Léo Costanzo Artista visual</p>	<p>- Eu vim morar aqui faz uns 4 anos e aí comecei a ter vontade de pintar na rua, que é um pouco mais difícil do que cidade grande (...) comecei a ir atrás e nesse processo eu conheci a Duda que é uma tatuadora aqui da região, que também tava bem a fim de pintar. A gente escreveu um projeto em parceria, apresentou para algumas empresas e conseguiu um apoio de uma empresa de tinta local. E aí todo mês eles nos apoiam, nos dão recursos pra gente conseguir atrás de lugar e tá produzindo um mural por mês na região.</p>
<p>Imagens da Praia do Rosa Grafites do Léo e da Duda</p>	<p>OFF: O PROJETO PRETENDE PINTAR UM MURAL POR MÊS,/ EM DIFERENTES LOCAIS DA REGIÃO.///</p>
<p>SONORA: Léo Costanzo Artista visual</p>	<p>- Esse está sendo o segundo mural então né. No mês passado foi o primeiro, nós estamos no segundo mês. A ideia é ter pelo menos seis meses, depois a gente vai tentar continuar com o projeto, mas pelo menos</p>

	seis meses, para ter um número significativo de mural espalhado por aí, para realmente trazer bastante arte pra região, né. E aqui foi muito especial que a gente conseguiu um lugar bem tradicional assim, um rancho de pesca, então alinhou uma cultura já nativa com essa cultura mais contemporânea, urbana assim (...) acho que deu um casamento legal das duas.
Imagens do primeiro mural realizado pela dupla de artistas.	OFF: CADA MURAL É ÚNICO E BUSCA CAPTAR A ESSÊNCIA DO LOCAL OU DESTACAR ASSUNTOS QUE ESTÃO EM EVIDÊNCIA.// UM EXEMPLO DISSO FOI O PRIMEIRO TRABALHO REALIZADO PELO PROJETO,/ NO MURO DE UMA Pousada da região,/ ONDE UMA INDÍGENA E UMA ONÇA FORAM RETRATADAS.//// A OBRA TROUXE COMO TEMA A CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL,/ DESTACANDO AS QUEIMADAS NA AMAZÔNIA/ E CONECTANDO ESSA MENSAGEM AO RESPEITO PELA NATUREZA.////////
SONORA: Léo Costanzo Artista visual	- Como é um muro bem horizontal, na hora a gente já dividiu pela metade. E a gente quis trazer essa temática também da ancestralidade, junto com a cultura moderna do grafite e do Hip Hop, buscando as raízes. Então veio através disso, assim, a Duda fez a parte da onça e eu fiz a parte da indígena.
Imagens retiradas dos perfis do Instagram dos artistas. Para não cair muito a qualidade, optou-se por dividir a tela.	OFF: ESSE PROCESSO CRIATIVO COMEÇA MUITO ANTES DA TINTA CHEGAR AO MURO.//////// OS ARTISTAS BUSCAM ENTENDER A HISTÓRIA DO LUGAR E SE INSPIRAM NO AMBIENTE AO REDOR/ PARA DAR VIDA AS IDEIAS QUE TRANSFORMAM AS PAREDES EM ARTE.////////
SONORA: Duda Santos Artista Visual	- Na verdade a gente tem uma ideia base assim, tipo, no primeiro mural o Léo queria fazer uma indígena, foi bem na época das queimadas do Cerrado, da Amazônia tudo mais, e a gente veio meio nessa pegada assim né. Daí eu fiz uma indígena, daí eu já conectei: Ah! então vou fazer uma onça pintada que tem tudo a ver né. Daí ele fez a indígena eu fiz a onça pintada. E quando ele falou que ia fazer Ah vamos fazer o rancho

	<p>tá vamos fazer o rancho daí eu vim aqui falei com ele e tudo mais daí a gente já tinha pensado que tinha que ser uma temática mais mar né tipo praia daí o povo o Léo queria fazer o povo e daí quando quando a gente tipo soube que ia ser no rancho Já pensei não tenho que fazer uma tainha tipo é a tainha né é o rancho tipo aqui acontece a pesca tradicional da Tainha né tem a época da Pesca tradicional da Tainha então meio que tipo tinha que ser uma tainha né é um rancho de pesca daí eu fiquei muito nessa não vou fazer uma tainha e foi uma tainha.</p>
<p>SONORA: Léo Costanzo Artista visual</p>	<p>- Aí a arte por ser um rancho a gente já já tinha pensado em fazer alguma coisa meio fundo do mar né então a gente fez uma montagem rápida mostrou para ele ele ficou meio na dúvida. Demorou mais uns dia para responder e ele disse depois conversou com outros amigos aí nos chamaram de novo pediram algumas alterações ali tranquila também de fazer e aí a gente chegou no resultado ficou legal para todo mundo mas nesse projeto a gente sempre tenta colocar arte bem autoral sabe tentar partir da nossa ideia da interpretação que a gente tem do espaço a composição e tudo isso partir da gente e depois afina com o responsável local.</p>
<p>Imagens do processo de produção da pintura no rancho. São as mesmas imagens utilizadas nas redes sociais, mas enviadas em alta qualidade.</p>	<p>OFF: CADA ETAPA,/ DESDE A PREPARAÇÃO DO ESPAÇO ATÉ O RESULTADO FINAL,/ EXIGE TEMPO E DEDICAÇÃO.//// O PROCESSO É CHEIO DE DESAFIOS E DESCOBERTAS,/ QUE COMEÇAM MUITO ANTES DA TINTA TOCAR A PAREDE./////////TRANSFORMAR UM MURO EM ARTE VAI MUITO ALÉM DO SPRAY E DOS PINCÉIS.////</p>
<p>SONORA: Léo Costanzo Artista visual</p>	<p>- essa acho que foi em torno de uns cinco dias porque essa As madeiras já estavam bem ruim a gente teve que lixar todo o rancho pintar uma uma base ali de tinta foi um pouquinho mais trabalhosa assim mas foi em torno do cinco seis dias eu acho.</p>
<p>Imagens: Canal Gov Imagens de drone: Operado por Guto Lavigne</p>	<p>OFF: NO DIA 15 DE OUTUBRO DE 2024,/ O PRESIDENTE LULA SANCIONOU UMA LEI QUE RECONHECE A CHARGE,/ A</p>

	<p>CARICATURA,/ O CARTUM E O GRAFITE,/ COMO MANIFESTAÇÕES DA CULTURA BRASILEIRA.//////// A VALORIZAÇÃO,/ AINDA É UM DESAFIO PARA OS ARTISTAS.//////// MAS NO CASO DO LÉO E DA DUDA,/ NÃO É UM OBSTÁCULO QUE ELES NÃO CONSIGAM SUPERAR.////////</p>
	<p>- A Praia do Rosa, ela já tem essa forma de ser uma praia diferente né das demais tipo tem bastante arte por aqui mas a galera ainda principalmente os mais velhos né ainda são muito fechados nessa questão assim tipo de ter uma arte na frente de casa por exemplo mas daí eu acho que a gente a gente fez o primeiro mural fez agora o Rancho eu acho que mostrando isso pras pessoas levando lá para Ah não a gente já fez isso aqui ficou legal eu acho que a galera vai abrir mais a mente assim sabe tipo para aceitar essa arte.</p>
<p>Imagens do rancho de pesca</p> <p>Imagens de Florianópolis: Street Art Tour (Youtube)</p>	<p>OFF: NO LITORAL CATARINENSE, NÃO É COMUM ENCONTRAR RANCHOS DE PESCA TRANSFORMADOS EM TELAS DE GRAFITE. ESSA INICIATIVA, PORÉM, PODE ABRIR CAMINHO PARA OUTRAS AÇÕES SEMELHANTES. ENQUANTO NOS GRANDES CENTROS URBANOS, COMO FLORIANÓPOLIS, OS MURAI A CÉU ABERTO JÁ FAZEM PARTE DA PAISAGEM, EM ÁREAS MENORES, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS COMO ESSA AINDA ENFRENTAM CERTA RESISTÊNCIA. MAS, AO QUE TUDO INDICA, ESSA REALIDADE ESTÁ COMEÇANDO A MUDAR.</p>
	<p>- Para mim era meio uma incógnita assim porque é bem a gente trouxe bem essa estética Urbana mesmo grafite tentou manter essa essa origem Nossa com elementos locais né então eu não sabia muito bem como é que ia ser recepcionada essa estética mais nova que aqui é um lugar bem até conservador assim mas surpreendentemente foi bem super bem aceito assim no fim de semana foi legal que foi um fim de semana de sol teve Bastante movimento foi foi bem impressionante se</p>

	<p>todo mundo passava parava para tirar foto ali foi repercutiu legal assim do pessoal muita gente parando para elogiar também</p>
<p>Imagens do instagram de Duda Santos</p>	<p>OFF: ALÉM DA ATUAÇÃO NOS MUROS,/ DUDA TAMBÉM É TATUADORA PROFISSIONAL.//// ELA COMPARTILHA COMO A EXPERIÊNCIA NO UNIVERSO DAS TATUAGENS/ CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO NA ARTE NO GRAFITE E OS DESAFIOS DE ADAPTAR TÉCNICAS ENTRE ESSAS DUAS LINGUAGENS VISUAIS.//////</p>
<p>SONORA: Duda Santos Artista Visual</p>	<p>- Eu trabalho com tatuagens Meu foco principal são tatuagens realistas né Eu trabalho com Realismo mas quando eu tenho trazer pro grafite eu tento transformar isso mais tipo num desenho não tanto no realismo né até porque é bem difícil e daí eh o desenho na verdade tem tudo a ver né tipo esses dias eu tatuei uma tainha em Realismo daí eu falei tipo é isso vou fazer uma tainha só que transformando no grafite na verdade sempre as artes a arte em si ela sempre se conecta né tipo a tatu tem tudo a ver com todos os outros tipos de arte porque tem desenho tem tinta tem cor tem dedicação tem arte autoral sabe tipo eu acho que tudo se conecta no fim né</p>
<p>Imagens de pessoas próximas ao rancho de pesca.</p>	<p>OFF: AO OUVIR OS MORADORES DA REGIÃO,/ FICA CLARO QUE A ARTE NA PAREDE NÃO É SÓ UMA FORMA DE EMBELEZAR O ESPAÇO,/ MAS TAMBÉM DE CRIAR NOVAS CONEXÕES.//////</p>
<p>Fala povo: Marco Antonio Frequentador da praia Erivelton Luis Turista</p>	<p>- Eu acho que enriquece é um pouco de cultura também né dependendo que for grafitado ali no local né isso é cultura é pesca né é o peixe ficou bem embolado o desenho né assim bem arquitetado</p> <p>-----</p> <p>O grafite, nossa, ele é fantástico né e abrir essa possibilidade realmente é bonito Porque é ligado da arte também Mas isso não impede ou não deve conter ou não manter as tradições e as coisas bem normais, bem rústicas, bem verdadeiras também, juntando alguma coisa nova. Arte é maravilhoso e quem vem aqui pro Rosa normalmente tem um pouco disso ou tem</p>

	<p>Imagens de pessoas observando o rancho de pesca.</p>	<p> muito disso.</p> <p>OFF: RELATOS COMO ESSES MOSTRAM O IMPACTO POSITIVO QUE O GRAFITE PODE TER NA COMUNIDADE,/ TRAZENDO UMA NOVA PERSPECTIVA PARA O LUGAR.////// AGORA A PROPOSTA DO PROJETO COR E ARTE É EXPANDIR.////// ABERTOS A NOVOS APOIOS E PARCERIAS,/ ELES PRETENDEM CONTINUAR LEVANDO A ARTE URBANA A OUTROS PONTOS DA REGIÃO.//////</p>
<p>SONORA: Duda Santos Artista Visual</p>		<p>- Já tem uns muros que a gente passa bate foto faz vídeo A gente já até falou com algumas pessoas mas essa por enquanto tá sendo a parte mais difícil assim tipo a galera ainda é um pouco fechada em relação assim a essa essa a parte de abrir pra gente fazer o que a gente quiser lá sabe tipo para fazer um desenho mas tem alguns que já estão meio que encabeçado assim que a gente já falou com as pessoas eles já deram Ok e daí já são meio que os próximos que Ainda faltam mais quatro né que vão ser seis a gente tem mais uns os dois mais ou menos assim em vista o resto a gente vai vendo conforme vai aparecendo a gente passa no lugar ver o muro daí se tem alguém a gente para e fala com a pessoa.</p>
<p>Imagens do interior do rancho de pesca.</p>		<p>OFF: ESTABELEECER O DIÁLOGO COM OS MORADORES,/ QUE NÃO ENTENDEM A PROPOSTA DE IMEDIATO,/ É UMA DAS ETAPAS MAIS DESAFIADORAS.////// CONQUISTAR A CONFIANÇA E EXPLICAR A IMPORTÂNCIA DA ARTE/ SE TORNA PARTE FUNDAMENTAL DO PROCESSO.////// É UM TRABALHO DE PACIÊNCIA E DEDICAÇÃO,/ QUE TEM A MISSÃO DE LEVAR BELEZA E SIGNIFICADO A CADA NOVO ESPAÇO.//////</p>
<p>SONORA: Duda Santos Artista Visual</p>		<p>- Então a gente explica que não tem nenhum custo só é importante estar aberto a arte né que é sempre isso que a gente busca que a pessoa esteja aberto a arte que a gente quer apresentar mas algumas pessoas ficam meio assim ainda tá mas não vai ter nenhum curso não precisa pagar nada mas a gente</p>

	<p>sempre deixa isso bem claro né que a pessoa não precisa se preocupar porque a gente na verdade só quer botar arte na rua mesmo pra mais pessoas verem</p>
<p>Sobe som Imagens do rancho de pesca Imagens do muro da pousada Imagens de drone até a finalização</p>	<p>FINALIZAÇÃO: A CADA PAREDE TRANSFORMADA,/ O GRAFITE REAFIRMA O PODER DE INTERROMPER A ROTINA E INSTIGAR O OLHAR DE QUEM PASSA.//// MAIS DO QUE EMBELEZAR O ESPAÇO,/ A ARTE SE ENRAÍZA NAS REALIDADE LOCAL,/ DIALOGANDO COM AS TRADIÇÕES/ E SE TORNANDO PARTE DO COTIDIANO,/ INSPIRANDO NOVAS RELAÇÕES ENTRE PESSOAS E LUGARES.////// NOSSA CAMINHADA SEGUE,/ E LOGO NOS ENCONTRAMOS PARA DESCOBRIR NOVOS TALENTOS DO LITORAL CATARINENSE.//////////</p>
<p>Créditos finais: Imagens feitas durante a produção das entrevistas. Câmera fixa captando outra captação em movimento. Imagens de produção na Praia do Rosa.</p>	

APÊNDICE C – ROTEIRO

Na Caminhada: Cultura Hip Hop no Litoral Sul de Santa Catarina

Episódio 3 – A caminhada do Rap em Laguna

Imagens da cidade de Laguna	OFF: ESTAMOS EM LAGUNA,/ E HOJE, NOSSA CAMINHADA PELO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA,/ MERGULHANDO NA CULTURA HIP HOP LOCAL,/ NOS TRAZ ATÉ UMA DAS CIDADES MAIS ANTIGAS DO ESTADO,/ CHEIA DE HISTÓRIAS PRA CONTAR.//////////
Vinheta	NA CAMINHADA
Imagens de drone cedidas por Guto Lavigne. Imagens de Laguna e de personagens do programa	OFF: LAGUNA É UMA CIDADE HISTÓRICA,/ MARCADA POR GRANDES BATALHAS DO PASSADO.////////// MAS OS DESAFIOS CONTINUAM,/ E HOJE,/ A GUERRA É OUTRA.////////// DADOS DO IBGE MOSTRAM QUE DAS 43 MIL PESSOAS QUE VIVEM AQUI,/ APENAS 23% POSSUEM UMA OCUPAÇÃO.////////// ALÉM DISSO,/ MAIS DE TRÊS MIL E SETECENTAS PESSOAS VIVEM EM FAVELAS.////// NESSE CENÁRIO,/ A CULTURA HIP HOP SE TORNA UMA FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO.//////
Imagens do videoclipe Tentando Evoluir, do grupo Elemento Suspeito. Fotografias reproduzidas do perfil do Facebook de Vinicius Billy	OFF: ENTRE OS ELEMENTOS DO HIP HOP,/ O RAP GANHA DESTAQUE NA CIDADE.////// FOI EM LAGUNA QUE SURTIU O ELEMENTO SUSPEITO,/ UM DOS GRUPOS MAIS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DO RAP CATARINENSE.//////////
Sonora: Mano Pessoa 1º Elemento	Quando o rap surgiu aqui na Laguna, ele tinha muito dessa pegada politizada, falando de periferia, de bairro pobre. Olha, o bairro pobre está aqui, tem criminalidade, tem marginalidade.
Sobe som Trecho da música Bairro Pobre, do grupo Elemento Suspeito	
Sonora: Mano Pessoa 1º Elemento	Agora então, através do rap, eu fui ter o meu pensamento político crítico. O rap para mim ajudou a expandir o horizonte e me ver como pessoa dentro de uma

	comunidade.
Imagens da grande reportagem em vídeo: Florianópolis, de Lucas Inácio, ex-aluno do curso de Jornalismo UFSC.	OFF: O RAP EM SANTA CATARINA COMEÇOU NO FINAL DOS ANOS 80,/ LIDERADO POR MIZINHO,/ DO BAIRRO MONTE CRISTO,/ EM FLORIANÓPOLIS,/ BERÇO DO HIP HOP CATARINENSE.//// EM LAGUNA,/ O PRIMEIRO GRUPO FOI O PAREDÃO 1029.////////
SONORA: MANO B.A. Ex-integrante do grupo Paredão 1029	Eu sou de menor, eu faço o que eu quiser. A vida é minha, não tem ninguém no meu pé. A minha mãe já morreu faz muito tempo demais, em função da idade nem conhecia os meus pais. 15 anos de idade, há dois dias que completei.
Fotografia reproduzidas do perfil do facebook do Mano B.A.	OFF: O GRUPO SE FORMOU NO FINAL DA DÉCADA DE 1990,/ E LOGO VIROU UMA FEBRE,/ FAZENDO MULTIPLICAR A CULTURA PERIFÉRICA NA CIDADE.////
SONORA: MANO B.A. Ex-integrante do grupo Paredão 1029	Começou com cinco elementos e dali difundiu Elemento Suspeito, Pacto Central, e Papo Periférico. A Laguna ficou com bastante grupo. Também conseguimos, eu também consegui, né? Tive que fazer uma letra porque tinha umas meninas que queriam cantar rap também. Incentivamos as meninas, mas não tinham uma letra. Fiz uma para elas.
Sobe som: Trecho de uma apresentação do grupo Elemento Suspeito, onde Samanta fez parte. Imagens: Nando Tau	
SONORA: MANO B.A. Ex-integrante do grupo Paredão 1029	Cara, o seguinte: nós temos uma música feita pelo Di, falecido Mano Di, que é diz a música. Desde 1992 foi quando conheci a cultura hip hop do meu país.
Sobe som: Música Papo Reto – Grupo Paredão 1029 Imagens reproduzidas dos perfis do facebook de Vinicius Billy e Mano B.A.	Daquele tempo para cá eu comecei a pensar melhor sobre a vida, sobre a vida. Vários manos estavam na mesma linha. O Paredão 1029 já sabia o que queria. Somos de Santa Catarina, é treta, é droga, é polícia em qualquer esquina.
Imagens do videoclipe do grupo PNM, L.É.U.M. Imagens: UNITV	OFF: NA ÉPOCA,/ O MOVIMENTO GERADO PELO RAP INFLUENCIOU A CHEGADA DE OUTROS ELEMENTOS DO HIP HOP,/ COMO O BREAK E O GRAFITE.//// EVENTOS DO GÊNERO TAMBÉM COMEÇARAM A SE

	ESPALHAR PELO MUNICÍPIO,/ E ATÉ AS CRIANÇAS SE INTERESSAVAM PELO NOVO SEGMENTO CULTURAL.////////
Sonora: Piccho The Mob Records	Ali, o rap me chamou atenção desde criança, desde pequeno. Comecei a escrever rap, meu primeiro rap foi em 2002, com 12 anos. Sempre envolvido no meio da rapaziada, participava dos eventos. Naquela época, os eventos de rap eram fortes, lotavam. Era muito grupo de rap, a galera lotava os eventos.
Imagens: reprodução de fotografia do facebook de Piccho. Imagens: Nando Tau Imagens de produtores locais Imagens do videoclipe Marcando Espaço do artista Piccho	OFF: COM O TEMPO,/ O RAP EM LAGUNA PERDEU FORÇA.///// A FALTA DE ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO DIFICULTAVA O TRABALHO DOS ARTISTAS,/ E O PRECONCEITO CONTRA O GÊNERO AINDA ERA UM OBSTÁCULO.//////////
Sonora: Piccho The Mob Records	Tipo, tu já ia colar no lugar para gravar e o cara que gravava já não gostava de rap. Era sempre complicado para gravar. Além do preço que cobravam, caro demais.
Imagens de Mano Sapo Compilado de imagens de Vinicius Billy. - no programa Cultura de Rua, da TVE/RS. - em apresentação, por Nando Tau - em entrevista para a UNITV Imagens de Tr3is no Beat	OFF: DIANTE DESSAS DIFICULDADES,/ OS PROJETOS SOCIAIS COMEÇARAM A SURGIR,/ TRAZENDO NOVO FÔLEGO AO MOVIMENTO.///// VINÍCIUS BILLY,/ EX-INTEGRANTE DO PAREDÃO 1029 E DO ELEMENTO SUSPEITO,/ ESTEVE PRESENTE DESDE O INÍCIO DO MOVIMENTO.///// DEPOIS,/ PASSOU A ATUAR NA CUFA DE LAGUNA/ E FOI PEÇA-CHAVE NA CRIAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS RELACIONADOS AO HIP-HOP,/ COM O OBJETIVO DE ENGAJAR A JUVENTUDE/ E FORTALECER A CONEXÃO DA COMUNIDADE COM A CULTURA URBANA.////////// FOI ISSO QUE ACONTECEU COM TR3IS NO BEAT.///
Sonora: Tr3is no Beat Dj e Beatmaker	Sou cria de um projeto social da CUFA e, em 2015, eles fizeram um projeto que abordou boa parte da cultura hip-hop, tanto na parte de grafite quanto na parte de poesia. O projeto Repensando e Trilhando Cores. Uma das oficinas era de produção de beats, produção musical e beatmaker. Nesse finalzinho de 2015, entrei como beatmaker para um grupo chamado Por

	Nós Mesmo, de Laguna.
Sobe som Música e imagens do videoclipe do grupo PNM, L.É.U.M	
Sonora: Tr3is no Beat Dj e Beatmaker	Esses projetos sociais na quebrada são muito necessários. A gente vê o caos que é: criminalidade, muita coisa. Esses projetos sociais ajudam a fugir disso e mostram que há esperança em outras paradas.
Imagens do canal do Youtube da Batalha Garibaldi	OFF: NESSE MESMO PERÍODO,/ RODAS CULTURAIS COM BATALHAS DE RIMA COMEÇARAM A GANHAR ESPAÇO.////// PRIMEIRO... SURTIU A BATALHA GARIBALDI...//////
Sobe som: Trecho de uma batalha de rima entre MC Atentado e Mano Sapo	
Imagens da Batalha de Laguna reproduzidas do Instagram de Se7e MC.	OFF: DEPOIS.../ FOI CRIADA A BATALHA DE LAGUNA.//// ESSES EVENTOS SE TORNARAM UMA OPÇÃO DE LAZER/ E UMA IMPORTANTE PLATAFORMA ARTÍSTICA PARA A COMUNIDADE.//////
Sobe som: Imagens da Batalha de Laguna, reproduzidas no Instagram do MC Se7e.	
Sonora: Se7e MC Família LaPlata	Muitos veem a batalha hoje como meio de sobrevivência. Tu consegue botar um prato de comida na mesa, mas em Santa Catarina ainda não temos a visibilidade que merecemos. Conheço muitos menores bons, muito talentosos, que estão escondidos. O rap é o que mais sofre opressão, o gênero musical que mais sofre opressão. Todo mundo desmerece o rap, acha que é mau elemento, drogado, mas não é assim. Muitos menores saem de casa com depressão, problemas financeiros, problemas físicos e mentais, e no rap eles se encontram, acham um meio de sair dos problemas.
Sobe som: Imagens da Batalha de Tubarão Batalha de rima entre K2 e Se7e	
Sonora: Se7e MC Família LaPlata	Laguna hoje não tem batalha porque não há apoio suficiente. Não tem premiação. Se não tiver oito MCs, não fecha uma chave de batalha. Se aqui não tem premiação e numa cidade vizinha tem, nego vai atrás da

	premiação.
Imagens reproduzidas do facebook de Vinicius Billy Imagens de Tr3is no Beat e Mano Sapo em seus estúdios, simulando que estavam trabalhando em uma produção musical.	OFF: OS PROJETOS SOCIAIS E AS BATALHAS AJUDARAM A REACENDER O HIP HOP EM LAGUNA,/ ABRINDO ESPAÇO PRA NOVOS GRUPOS,/ MCs E BEATMAKERS.//// COM O TEMPO,/ O ACESSO À TECNOLOGIA PERMITIU QUE MUITOS ARTISTAS INVESTISSEM EM HOME STUDIOS,/ FACILITANDO A GRAVAÇÃO E O SURGIMENTO DE MAIS NOMES NA CENA.//////
Sonora: Mano Sapo CBC a Banca	hoje eu vejo como uma conquista é não é muito mas é uma grande conquista porque eu sempre ter essa união da Rapaziada onde eu moro e hoje eu consegui tem várias tem várias galeras que cola aqui hoje grava aqui comigo aqui no estúdio em casa e a gente tem um projeto que é a CBC a banca que é uma banca né onde a gente faz as cyphers onde a gente faz as músicas
Sobe som: Trecho do videoclipe da música Cypher 2 de CBC a Banca, cantado por Mano Sapo	
Sonora: Mano Sapo CBC a Banca	A princípio eu não cobro nada dessa rapaziada faço por amor e paixão mesmo e quem é da area aqui eu costumo dizer pelo menos a primeira música Eu não cobro eu deixo aquela oportunidade pra rapaziada para ela porque na época não tinha essa oportunidade né
Sobe som: Trecho do videoclipe da música Cypher 2 de CBC a Banca, cantado por Mano Bury	
Sonora: Mano Bury CBC a Banca	aqui é carente de cultura, é carente de trabalho, é carente de tantas coisas cara e a gente precisa de uma atenção nessas paradas aí e gente para dar oportunidade aqui é bem pouca na real
Imagens de Mano Sapo e Mano Bury caminhando pelo bairro	OFF: NO CASO DO MANO SAPO,/ MONTAR UM ESTÚDIO,/ SERVIU PRA UNIR A GALERA DO BAIRRO/ E TAMBÉM RETRIBUIR AS INFLUÊNCIAS DO PASSADO.////
Sonora: Mano Sapo CBC a Banca	o Mano Alex é do Pavilhão das antigas que tinha aí na na nas áreas, ele nunca teve um som gravado mas ele é bem das antigas. E aí quando eu fiz o estúdio eu chamei Mano Alex chega aí, Montei um home studio lá

	<p>em casa vamos lá gravar uma música Tua. Ah sério? vamos lá gravar uma música Tua Ô mano se tu vê, o cara tem um talento sem noção, o cara tem um talento que é incrível, cara é incrível. Então para mim Isso aí foi um grande orgulho porque eu quando era criança me inspirava nele e depois eu cresci, consegui montar o meu home studio e chamei ele para gravar, uma coisa que ele nunca tinha feito, então eu Realizei o sonho dele tá ligado, até hoje ele fala: eu Realizei o sonho dele.</p>
<p>Sobe som: Trecho do videoclipe da música Cypher 2 de CBC a Banca, cantado por Mano Alekys</p>	
<p>Sonora: Alekys Smyth CBC a Banca</p>	<p>é para mim foi gratificante demais mano um sonho realizado né então para quem ama música para quem tá na no corre para quem quer evolução a gente não quer fama a gente não quer grana mas se se rolar é bem-vindo né mano a gente precisa a gente tem família né E também querendo não é a nossa profissão é nosso amor é a nossa dedicação então eu depois que eu gravei meu som me incentivou mais ainda tá ligado. agradeço o mano sapo para caramba mesmo de coração por ter dado essa oportunidade, hoje eu acho que eu tô com nove música gravada</p>
<p>Imagens dos personagens interagindo durante a produção das imagens</p>	<p>OFF: EM MEIO A TANTAS DIFICULDADES,/ O HIP HOP DE LAGUNA VAI SE ADAPTANDO AS REALIDADES ATUAIS,/ E ENCONTRANDO MANEIRAS DE SE MANTER ATIVO,/ SERVINDO COMO UM RESPIRO PROS DIAS DIFÍCEIS.//// A GALERA QUE AINDA TÁ NA ATIVA SEGUE ACREDITANDO E BOLANDO NOVOS PLANOS.////</p>
<p>Sonora: Tr3is no Beat Dj e Beatmaker</p>	<p>e agora tô com projeto de montar minha gravadora aqui agora tá ligado inclusive um recado aí para vocês artistas Mcs entra em contato que a gente tá procurando talentos aí para para tá lapidando</p>
<p>Imagens dos personagens interagindo durante a produção das imagens</p>	<p>OFF: COM ESSE CONVITE DO TREIS NO BIT,/ NOS DESPEDIMOS DAS RUAS DE LAGUNA,/ MAS FICA A PROMESSA DE LOGO VOLTAR E CONHECER MAIS HISTORIAS,/ MAIS</p>

	<p>TALENTOS,/ E MAIS PROJETOS QUE FORTALECEM E VALORIZAM A CULTURA LOCAL./// SE INSCREVA NO CANAL E ACOMPANHE OS PRÓXIMOS EPISÓDIOS,/ MOSTRANDO O HIP HOP PELAS RUAS DE SC.//// PAZ</p>
<p>Sobe som: Mano Sapo caminhando e improvisando rimas de rap com o tema: Na Caminhada</p>	
<p>Créditos finais: Imagens feitas durante as gravações do projeto. Suzi Flores registrando a entrevista com Mano Sapo. Mano Sapo registrando a entrevista com Mano Pessoa. Registro da produção da entrevista com Se7e MC. E Mano Sapo registrando produção da entrevista com Mano B.A.</p>	

ANEXO A – FICHA DO TCC

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2024.1		
ALUNO/A	Carlos Eduardo Félix Gomes		
TÍTULO	Na Caminhada: Cultura Hip Hop no Litoral Sul de Santa Catarina		
ORIENTADOR/A	Cárlida Emerim		
MÍDIA		Impresso	
		Rádio	
	x	TV/Vídeo	
		Foto	
		Website	
		Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
	x	Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	x	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração: Laguna, Imbituba e Garopaba.
		Reportagem livro reportagem ()	() Florianópolis () Brasil (x) Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Telejornalismo, Hip Hop, Cultura urbana, Santa Catarina, Conteúdo multiplataforma.		
RESUMO	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste num programa piloto de jornalismo televisivo seriado que se propõe a documentar os movimentos culturais em cidades do interior de Santa Catarina, começando pela cultura Hip Hop no sul do estado. Especialmente, os três primeiros episódios apresentados, destacam os elementos culturais de Garopaba, Imbituba e Laguna. Além de servir como espaço de visibilidade aos agentes culturais destes locais, o programa quer ajudar a promover o cenário artístico e cultural da região, mostrar a importância social e cultural do Hip Hop. Cada episódio da série aborda um dos elementos que compõem a cultura Hip Hop desenvolvido nas regiões retratadas, sendo: a tradição do <i>Breaking</i> em Garopaba, do Grafite na Praia do Rosa (Imbituba) e do Rap em Laguna. A abordagem jornalística esta fundada nas entrevistas, utilizando uma narrativa coloquial e próxima das comunidades sem perder os preceitos do jornalismo profissional. São três episódios de 12 minutos cada um, que podem ser vistos separadamente ou formarem um único programa de programa de 33 minutos de duração, com vinheta de abertura e créditos finais.</p>		

ANEXO B - DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Carlos Eduardo Félix Gomes, aluno(a) regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 19101533, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Na Caminhada: Cultura Hip Hop no Litoral Sul de Santa Catarina** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 13 de Dezembro de 2024

Carlos Eduardo Félix Gomes

Assinatura